

Stadium

N.º 89 ★ 16 DE AGOSTO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

VER NESTE NUMERO

a reportagem gráfica
e respectiva tricromia

do VITÓRIA F. CLUBE (Setubal)



NOS CAMPEONATOS DE SENIORES

A chegada dos 200 metros, ganha por Nuncio, que bateu Eleutério por 2/10 de segundo. Lourenço, que cortou a meta em 3.º lugar, não foi apanhado pela objectiva.

(Foto C. Madalra)

NATAÇÃO

Começaram os campeonatos regionais e disputaram-se os nacionais da "Mocidade"

A impressão geral da primeira série dos campeonatos regionais não foge muito da que se tem recebido noutros festivais de natação — impressão no mesmo tempo de progresso nítido, em estilos e resultados — e de retrocesso em número de concorrentes. Parece que uma coisa colide com a outra. Nada-se melhora, mas nada-se menos. Progredem-se em qualidade, ainda que pouco a pouco.

Dá menos nas vistas, ou é de menos relevo, o trabalho dos clubes. E alarga-se o desfalque entre os melhores — e os piores. O Estoril e o Alagés mantêm-se no mesmo plano. Os outros aparecem cada vez mais distantes com equipas menos numerosas. Os festivais transformam-se assim em duelos entre o Estoril e o Alagés. O Estoril a querer manter supremacia. O Alagés a procurar reconquistá-la. Faltaram muitos concorrentes, especialmente em seniores. E um deles, Joaquim Baptista Pereira, do Alhandra, pôde aspirar à vitória na prova da sua especialidade: 400 metros livres.

Em resumo, podemos dizer, à laia de prólogo, que houve alguns «records» batidos, ultrapassados e estabelecidos. Foi agradável que isso se desse. Mas apareceu menos gente nas provas — e no público. Só a bancada de sombra estava cheia. E, se houve de facto luta movimentada em algumas corridas, houve muito menos animação entre o público. Uma recomendação que lhe foi feita, no microfone, teve aspectos de chuveiro com água muito fria... Pode ter refrescado... Mas anulou toda a vibração. E tudo aquilo ficou morto... O público é por vezes assim. Ou tudo, ou nada... Não vai pelas soluções intermédias...

Embora havendo coisas dignas de realce, a jornada safu bastante frouxa como propaganda. Nem tudo é de culpa dos clubes, nem queremos analisar as suas causas — e efeitos. Registamos, apenas, o facto e registamos, também, que continua a notar-se a mesma renúncia em provas femininas.

Disputaram-se 14 provas e os triunfos distribuíram-se como segue: 9 para o Estoril, 4 para o Alagés e 1 para o Belenenses. Em rapazes e homens, apenas tiveram vitórias o Estoril e o Alagés, respectivamente 7 e 2. Reforça-se deste modo a impressão de o Estoril ter sido o grande triunfador da tarde. Mas não foi apenas em quantidade. Na equipa de 4x100 metros livres, principiantes, bateu o «record» de categoria, em 4 m. 49 s. 4/10, contra 4 m. 59 s. 4/10, do Alagés. Artur Mendes da Silva, do mesmo clube, bateu o único «record» destronado oficialmente — o de 100 metros costas principiantes, fazendo 1 m. 22 s. contra 1 m. 23 s. 4/10 de Mário Simas. E Hety Heyman, há dois anos no Estoril, fez o «tempo» que seriam novos «records» nacionais de categoria, em juniores, se fosse português. Ficou sómente como «máximo» 1 m. 20 s. 5/10 nos 100 metros livres, contra 1 m. 22 s. 5/10, de Mário Gouirinho, do Alagés; e 3 m. 38 s. nos 200 metros de braços, contra 3 m. 47 s. 2/10, de Rosa Lopes, do Atlético, Hety Heyman correu sózinha — e bem.

Entre as outras provas, merece referência especial o campeonato dos 200 metros braços para seniores, muito bem disputado, João da Silva Marques manteve o primeiro lugar até os 133 metros, completando a primeira centena em 1 m. 29 s.

Julio Mendes da Silva atacou bem, depois dos 133 metros. João da Silva Marques só respondeu no percurso imediato, esticando-se regularmente na luta para a meta. Júlio Mendes da Silva ganhou muito bem, num «tempo» pouco bom: 3 m. 06 s. 3/10. João da Silva Marques fez apenas 5 m. 08 s. 2/10.

M. de O.

AS PROVAS

A primeira jornada dos campeonatos regionais de natação, disputada no último domingo, no Estádio Náutico do Sport Alagés e Dafundo, veio confirmar a opinião já por diversas vezes exposta nestas colunas: a natação, da medida que progrediu em qualidade, retrocedeu em quantidade. Praticamente, estiveram presentes dois clubes: o Estoril Praia e o Alagés. Belenenses, Caf e Nacional fizeram-se representar o mais reduzidamente possível. Registraram-se, no entanto, algumas proezas individuais de valor, que passamos a analisar, agrupando as provas por categorias e começando pelas de seniores.

Os 200 metros-braços tiveram a valorizada a luta Silva Marques-Mendes da Silva. O «record» seguiu sempre à frente até aos 133 metros, altura em que o campeão regional tentou, com êxito, a sua chance, vindo a terminar destacado, em 3 m. 6 s. 1/10.

Júlio Mendes da Silva, logo que se encontrou completamente restabelecido da enfermidade que o impedia de treinar durante três semanas, pôde fazê-lo muito melhor, pois já esta época, em treino, conseguiu «tempo» inferior aos 3 minutos. Silva Marques, dentro das suas possibilidades, lutou com brio e terminou em 3 m. 8 s. 2/10. Qualquer deles obteve «tempo» melhores do que os conseguidos, o ano passado, em Espinho.

Nos 100 metros-costas, apenas com 3 concorrentes, triunfou Mário Simas, quando, e como quis, em epascolis, em 1 m. 18 s. 4/10. Logo, primeiro a virar aos 53 metros, foi o segundo com 1 m. 22 s. 5/10.

João Mira Gomes, nos 4.0 metros-livres, fez prova à parte, percorrendo a distância em bom estilo e bom ritmo, aliada que um tanto lento nos últimos 100 metros. Tempos intermédios: 100 metros, 1 m. 75 s.; 200 metros, 2 m. 47 s.; 300 metros, 4 m. 18 s. Resultado final: 5 m. 48 s. 4/10. Além dele, Oscar Cabral, ainda que sem pretensões, terminou dentro das suas possibilidades habituais, em 5 m. 53 s. 8/10. Fernando do Carmo e Rafael Ramos foram, respectivamente, 3.º e 4.º classificados, em 6 m. 8 s. 5/10 e 6 m. 18 s. 5/10. Registe-se o bom «sprint» de Rafael Ramos.

Conduzindo a prova de princípio a fim, e passando aos 100 metros em 1 m. 35 s., Francisco Salgado triunfou utilitadamente nos 200 metros-livres júniores, em 2.50 s. 3/10, tendo, no entanto, afrouzado consideravelmente o andamento nos dois últimos percursos e dando-nos a impressão de fadiga. José Cabral Júnior foi o segundo, com 2 m. 57 s. 8/10.

Nos 200 metros para igual categoria, Belmiro Santos não teve dificuldade em vencer, em 6 m. 0 s., seguido de Francisco Salgado e José Cabral Júnior, respectivamente creditados em 6 m. 19 s. e 6 m. 30. 7/10. Os «tempo» são, portanto, francos, mesmo atendendo a que não houve luta.

Para principiantes havia apenas uma prova individual — os 100 metros costas. Artur Mendes Silva, o magnífico estiloista desta modalidade, ganhou de longa, num «tempo» que é novo «record» da categoria — 1 m. 22 s. O antigo «record», que estava em 1 m. 23 s. 4/10, pertencia a Mário Simas desde 8 de Agosto de 1937. Mendes da Silva, porém, pôde melhorá-lo na primeira oportunidade, pois ainda no sábado se creditou em 1 m. 20 s. 5/10.

Nos 4x100 metros-livres principiantes, duas equipas apenas: Estoril e Alagés, ambas de longa, num «tempo» posto por Alvaro Pancho (1 m. 18 s.), Fernando Ornelas Cisneiros (1 m. 15 s.), Jeremias Simão (1 m. 9 s.) e Artur Mendes Silva (1 m. 14 s. 4/10) realizou a proeza de baixar para 4 m. 59 s. 4/10 o «record» da prova, após uma bela corrida.

O máximo sofreu, assim, melhoria considerável, pois que o antigo «record», pertença do S. A. D., estava em 4 m. 29 s. 4/10 e data de 8 de Agosto de 1937, sendo a seguinte, a constituição da equipa que ainda o detinha: José da Silva Ribeiro, Oscar Cabral, Manoel Martins e Rosé Ricardo Domingues Júnior.

A turma do Alagés classificada em segundo lugar cobriu a distância em 5 m. 8 s. 8/10.

Como que a abrir excepção, nos 100 metros-braços iniciados, verificou-se a luta cerrada para a conquista do título. José Rodrigues Alves e Gentil Gonçalves, ambos do S. A. D., decidiram nos últimos metros, palmo a palmo, qual seria o vencedor. Os «tempo», assim o indicam: 1 m. 35 s. 2/10 e 1 m. 35 s. 8/10 respectivamente. A marca do vencedor estabeleceu o «record» da categoria.

Nos 4x100 metros-livres para iniciados, o elenco do Alagés bateu longeamente o do Nacional. Prova sem interesse e sem história. Os «tempo» são eloquentes: 3 m. 30 s. 4/10 e 7 m. 4 s. 8/10, respectivamente.

Das senhoras, talvez pudessemos começar por dizer com certa propriedade: «aparente rarezantes em gargite vasto...». Mas deixemos o clássico epico em paz e vamos às provas.

Hety Heyman, a simpática holandesa, confirmou, de maneira absoluta, tudo o que a seu respeito dissemos, em Janeiro, quando do Torneio de Inverno. Magnífica tanto em «brucos» como em «crawl», Hety, embora correndo sózinha, conseguiu no domingo dois excelentes resultados. Um nos 100 metros-livres júniores, que percorreu em 1 m. 20 s. 5/10. O «record» de Portugal pertence a Maria Gouirinho com 1 m. 22 s. 6/10 (10-7-38). Nos 200 metros braços júniores, creditou-se em 3 m. 38 s. 8/10. O «record» da categoria pertence a Rosa Lopes com 3 m. 47 s. 2/10 (29-8-53). A comparação dos «tempo» diz tudo.

Nos 100 metros-braços seniores principiantes, Maria Helena Mendes, do Belenenses, triunfou, sem adversária, em «tempo» franco — 2 m. 6 s. 6/10.

Luta interessante, a que as «iniciadas» Lucília Anjo e Maria de Lourdes Mendes (ambas do S. A. D.) — e que bem podem ser consideradas duas esperanças da natação feminina — travaram nos 66 metros-braços, que a primeira ganhou por 2/10 de segundo.

«Tempo»: 1 m. 8 s. 8/10 e 1 m. 8 s. 5/10, respectivamente.

Uma bela equipa — a do Alagés — correu a estafeta 4x66 metros-livres, meninos iniciados, em 5 m. 5 s. 6/10.

Os campeonatos continuam, amanhã à noite, em Alagés — oxalá que com mais concorrentes, mais público e mais animação, que de tudo isso careceu a primeira jornada.

ABREU TORRES

Os campeonatos da "Mocidade"

Os campeonatos nacionais da «Mocidade Portuguesa» tiveram este ano um relevo especial. Dividiram-se em duas jornadas e registaram, no dia das finais, a presença de S. Ex.º o Presidente da República. O sr. General Oscar Carmona esteve na piscina de Sport Alagés e Da'undo, com o sr. secretário de Estado da Educação Nacional, Dr. Lopes de Almeida. E foi recebido e acompanhado pelo Comissário Nacional da V. P., Dr. Marcelo Caetano, e por vários dirigentes daquele organismo. Assiste também às provas de sábado o Dr. Aiala Boto, Inspector de Desportos, como representante da Direcção Geral de Desportos.

A lista começou pela parte espectacular das saídas dos rannas da Mocidade às entidades olímpicas e pelas hinas nacional e da Mocidade Portuguesa. Tudo isto aconteceu com o magnífico «o» fazer virado do público. E a vibração acentou-se, ainda, quando um grupo de filhados entregou ao General Carmona um ramo de flores — um ramo de rosas rubras como o sangue generoso da mocidade lusitana. Antes das provas, fez-se, entre orações, o desfile dos nadadores, pela piscina, em saídas olímpicas. E as provas iniciaram com a entrega de medalhas aos três primeiros classificados.

As provas correspondem bastante à expectativa. A maior surpresa veio de uma eliminatória — nos 100 metros livres. Jeremias Pont e Simão, da Estramadura, fez 1 m. 8 s. 4/10, que bate por 4/10, o «record» de Mário Simas, estabelecido em 1941. Este resultado, por ser obtido em eliminatória, não foi homologado. Não o foram, porém, os «records» — o único que se bateu nos campeonatos deste ano.

De modo geral, os em globo, os campeonatos confirmaram a posição relativa que os núcleos de Lisboa e Coimbra ocupam entre si, e mostraram de novo o «estilo» que o Porto vem fazendo, desde há dois anos, sob a direcção de José Pereira da Costa, nos Liceus Académicos de ambas as cidades.

A luta mais animada e mais «tempo» teve, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

Nos 100 metros livres registaram-se «tempo» infar-ores aos das eliminatórias — para Jeremias Simão e Gu'herme Patrão. E isso resultou da luta imposta nos Lacs Lopes da Conceição. Este nadador, nos Lacs Académicos de Viseu, na pista, tirou alguma vantagem, em seniores, entre os representantes da Estramadura e da Beira Litoral, e foi particularmente brilhante nos 100 metros e nos 7x35 metros livres.

(continua no pág. 11)

ANO XII — Lisboa, 16 de Agosto de 1944 — II SÉRIE - N.º 89

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEGRAVURA, L.T.D. — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Bravo, atletas de Lisboa!

A segunda jornada de seniores — Excelente organização, competição emocionante e marcas apreciáveis — A tarde de Matos Fernandes

Comentários técnicos pela dr. SALAZAR CARREIRA

O programa da segunda jornada do campeonato regional de seniores comportava tantas provas como a precedente; no entanto, principiando pouco depois das 16 horas, estava terminado daí a três horas. Os dirigentes da sessão prepararam-se com vontade firme e mantiveram sequência continua com desajeitada duplicação entre corridas e concursos.

Está demonstrado o que é possível fazer e agora ficamos esperando, ou melhor, fica todo o público esperando que passe a ser assim.

Temos ainda um reparo, bem intencionado, como os precedentes, mas indispensável de apontar para correcção de um mau hábito, do qual se está abusando: os atletas chamados para qualquer prova têm por costume fazerem-se rogados, obrigando a a insistentes apelos e provocando demoras inúteis. Neste capítulo são os homens do Sporting aqueles que mais abusam e o remédio parece-nos fácil: estabelecer para futuro que as convocações apenas serão proclamadas duas vezes e eliminar da prova quem não tenha respondido.

Falta esta observação, de ordem geral, e referente a pechas antigas, aplaudamos sem regatear atletas e dirigentes: os segundos souberam manter disciplina e guiar como bons pilotos a actividade dos primeiros; estes, lutaram com brio, entusiasmo e impecável lealdade e alcançaram boas marcas, algumas marcas notáveis, mostrando o cuidado havido na sua preparação.

Matos Fernandes, sem dúvida o melhor atleta português na actualidade, foi o homem do dia; apostou-se de um «record» que já de há muito merecia e creditou-se de um percurso na estafeta dos 400 metros que nunca mais esquecerá aos espectadores apaixonados das belezas do atletismo.

O corredor benfiquense está em excelente forma, com estilo impressionante de facilidade e harmonia, exemplo filigrante da apegada desconstrução e, pare que seja completo o esboço, aliando a tais virtudes físicas um moral combativo e uma energia que dura sempre até à meta.

Outro atleta digno de referência paralela, porque deu prova de consideráveis progressos e de metódico estudo no seu aperfeiçoamento de estilo: João Jacinto, o homem que em dois dominos consecutivos foi o grande adversário de Matos Fernandes e se bateu com ele a armas iguais. Aos dois rivais deve o público do Estádio os momentos de mais vibrante entusiasmo.

VOLLEY-BALL

O Sporting venceu o campeonato de júniores

DECIDIU-SE, mais depressa do que era contado e de maneira diferente da que as previsões supunham, a atribuição do primeiro título regional na categoria de júniores.

O Internacional era tido de ante-mão — fazendo juízo por algumas exhibições em jogos de treino — como favorito do torneio, e esperava-se o resultado do encontro Sporting C. P.-S. C. Oeiras para saber qual seria o seu adversário na luta decisiva do campeonato. Afinal, os acontecimentos orientaram-se diferentemente, pela lamentável falta de clubismo e de compreensão desportiva de alguns dos seus jogadores que, sem aviso, não responderam às convocações e obrigaram a equipa a duas faltas de comparência sucessivas.

Isto prova que até nas colectividades que pela opinião pública são considerados centros do mais puro desportivismo, podem aparecer esporadicamente espiritos desviados da orientação colectiva.

Eliminado o Internacional, quasi sem jogar, pois apenas disputou — e com o grupo incompleto — uma única partida, o encontro Sporting-Oeiras, no sábado passado, foi como verdadeira final entre dois grupos que tinham chegado até então com vitórias sobre todos os adversários.

O Sporting ganhara ao Monte Pedral, por 15-12, 15-10; à Académica da Amadora, por 15-3, 15-3; ao Belenenses, por 15-4, 15-6; e à Promotora, por 15-3, 14-16, 21-4. Por sua vez, o Oeiras vencera a Amadora, por 15-2, 15-9; o Belenenses, por 15-3, 16-14; e a Promotora, por 15-11, 15-3. As referências eram, por conseguinte, de acentuado equilíbrio, que a realidade dos factos não desmentiu.

A partida entre os dois finalistas durou três jogos; a equipa do Oeiras apresentou-se inferiorizada pela ausência de um dos seus seis únicos elementos mas deu sempre réplica valorosa e só fraquejou na segunda metade do terceiro jogo.

Como estamos em maré de citações pessoais, e diz o povo que «não há dois sem três», obrigamos a consciencia a pôr em relevo a figura de Martins Vieira, um homem que nas competições nacionais figura quasi como veterano mas parece ter descoberto o segredo da perpétua juventude. Alma-o o fogo sagrado e é essa a explicação dos seus triunfos.

Na eliminação dos 400 metros barreiras conseguiu melhor marca para 59,1 s o seu tempo na prova. Eis um segundo «record» batido, que não seria justo deixar no esquecimento.

Relance sobre as provas da jornada

A corrida de 200 metros reuniu apenas cinco concorrentes que disputaram logo a final; Manuel Nuncio foi o vencedor, e não surpreendeu a vitória porque nas suas anteriores exhibições o pequeno sportinguista deixara a mais impressionante noção de velocidade. Cuidado com ele nos 100 metros.

Fernando Lourenço, em má forma porque um acidente lhe interrompeu a cédencia na preparação, foi ultrapassado aos cento e vinte metros, e não insistiu; em contra-partida, o benfiquense Eleutério lutou com grande alma e foi mesmo o mais poderoso nos metros finais.

A equipa «encarnada» dominou, como se esperava, na corrida de 1500 metros; Aires de Almeida, em melhor condição física do que há um ano, correu com facilidade e estilo agradável, levando na cola, até à meta, essa prodigiosa máquina de correr que se chama João Silva.

Na ausência de Américo Pinto, de quem se anunciam prodígios em treino, foi José Vicente o único adversário que se permitiu inquietar os vencedores, mas a distancia é ainda demasiada para os seus recursos e na recta final não acompanhou a abalada dos dois benfiquistas. Estamos curtos de ver o que fará este rapaz nos 800 metros.

Os «leões» ganharam o primeiro jogo por 15-10, com bastante dificuldade e demora. O segundo jogo, em contra-partida, foi bastante rápido e emocionante, pelas sucessivas mudanças de vantagem; os sportinguistas chegaram a 14-13 e tiveram o ponto decisivo na mão, mas perderam-no com um remate mal dirigido, para logo em seguida perderem também o jogo, por 14-16. O desempate decorreu sempre a favor do Sporting, com 11-5 na mudança de campo e 21-7 no final.

O encontro foi francamente bem disputado, o melhor de todo o torneio; não teve lances de remate fulminante — o que não pode admirar, dada a pouca idade dos jogadores — mas manteve excelente toada de autêntico «volley».

O Sporting, cujo trabalho de preparação dos novos foi este ano compensado pelas vitórias nos campeonatos de júniores de atletismo, de «handball» e de «volley», além das boas classificações em futebol e «basket», conquistou este título servindo-se de onze jogadores, cujos nomes seguem com a indicação do número de partidas que disputaram: Sebastião Camões de Vasconcelos (5, todas), Ismael de Oliveira (4), Luis Falcão de Carvalho (4), José Manuel Mendonça e Matos (3), Carlos Alberto de Azevedo (3), Jorge Carvalho (3), Carlos Silva Faria (2), Urbano Cunha (2), João Antunes da Cunha (2), Manuel Almeida e Cunha (1) e Justino Correia de Almeida (1).

Os encontros marcados para hoje e para sábado não importam já para os lugares de honra, que pertencem ao Oeiras e ao Belenenses.

Para conclusão da temporada, vai começar já para a semana o Campeonato Popular; o sorteio para o calendário dos jogos efectua-se amanhã, às 22 horas, na sede da A. V. L. Está assegurada a presença do Oeiras, Amadora, Boa Hora, Alagés e Dafundo, Casa Pia, Maria Pia e Operário.

JOSÉ DE EÇA

As duas estafetas foram muito diferentes; a dos 4x1500 metros, disputada prudentemente pelos «leões», que se sabiam inferiores, resolveu-se logo que João Silva o quis — e o Benfica veio a ganhar com sessenta metros de avanço, em tempo bastante modesto.

A luta nos 4x400 metros empolgou o público; Lourenço estreou-se na distancia e, embora pareça incrível num homem que tivera dificuldade em concluir os 200 metros, levou a melhor sobre Fernando Ferreira, cuja forma parece estar definitivamente especializada nas barreiras; no percurso imediato, Martins Vieira aproximou-se muito de Eliseu, mas o pequeno Artur Dias, com imediata autoridade, fugiu a Eleutério e deu a Jacinto oito metros de avanço, que lhe permitiram ganhar por meio metro a Matos Fernandes.

O tempo das duas equipas, idêntico segundo a decisão dos cronometristas, dá a média de 43,4 s. por corredor, o que é muito apreciável, principalmente se o considerarmos aplicadas a oito corredores.

Foram três os concursos disputados e em nenhum se percebeu vislumbre de progresso; o triplo foi ganho por Alcide, com 13,31 m, e nenhum mais chegou aos treze metros; Ruivo e Tomás venceram no peso e no dardo, com marcas aquém dos seus máximos e apesar disso distanciados dos competidores.

A pobreza de técnicas dos lançadores do dardo confunde; o que mais se aproxima da realidade é Trigo de Mira, a quem, no entanto, falta poder e treino atuado. Os melhores correm ainda com o dardo em baixo e não sabem aproveitar a corrida, porque não inclinam o corpo sobre o flanco direito, nos três passos finais, e porque os não coordenam com o movimento preparatório do braço, que aboliram pura e simplesmente.

A estagnação de resultados de Ruivo no lançamento do peso provem da falta de concentração antes de iniciar o exercício e de precipitação na troca final dos pés, que é executada antes do disparo do peso. O triplo-salto passou-se longe demais do lugar onde estavam para nos permitir juízo concreto sobre a acção dos saltadores.

Aos amadores da linguagem dos números oferecemos a equivalência das marcas dos campeões das duas jornadas do campeonato:

Matos Fernandes, 817 p. na eliminação dos 400 m. barreiras e 770 p. na eliminação dos 400 m. planos; média individual do Sporting nos 4x100 m., 807 p.; Fernando Ferreira, nos 110 m. barreiras, 804 p.; João Silva, nos 10.000 m., 782 p.; Alvaro Dias, no salto em comprimento, 746 p.; Manuel Nuncio, nos 200 m., 700 p.; Manuel da Silva, no lançamento do disco, 699 p.; Emídio Ruivo, no lançamento do peso, 698 p.; média individual do Sporting nos 4x400 m., 694 p.; Aires de Almeida, nos 1500 m., 686 p.; Luis Alcide, no triplo salto, 677 p.; média individual do Benfica nos 4x1500 m., 615 p.; média individual do Sporting nos 4x800 m., 605 p.; Tomás de Macedo, no lançamento do dardo, 561 p.

As provas femininas

Concomitantemente com os campeonatos masculinos, estão disputando o seu torneio as raparigas praticantes do atletismo, que se resumem a cinco representantes do Belenenses, quatro do Sporting e uma do Almadense.

E' lastimável o desinteresse verificado e, pior ainda, a ausência de novas praticantes.

Quando estas se cansarem acaba — o atletismo feminino.

O núcleo belenense tem sido o mais forte e só Olga Ribeiro, Maria Ester Cabral e Almerinda Correia lhe têm dado réplica vitoriosas.

A pequena Olga é a concorrente até agora mais em realce; venceu os 150 metros e no salto em comprimento melhorou para 4,150 o «record» do sul, perdendo os 60 metros porque na eliminação se esqueceu de partir.

Maria Ester, no salto em altura, Almerinda Correia, no peso, e Judite Rodrigues no disco, foram as outras vencedoras, das quais apenas a almadense manifestou progresso, alcançando 5,164, o segundo resultado português.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar os defeitos e virtudes

54—Mário Lemos, campeão nacional júnior.

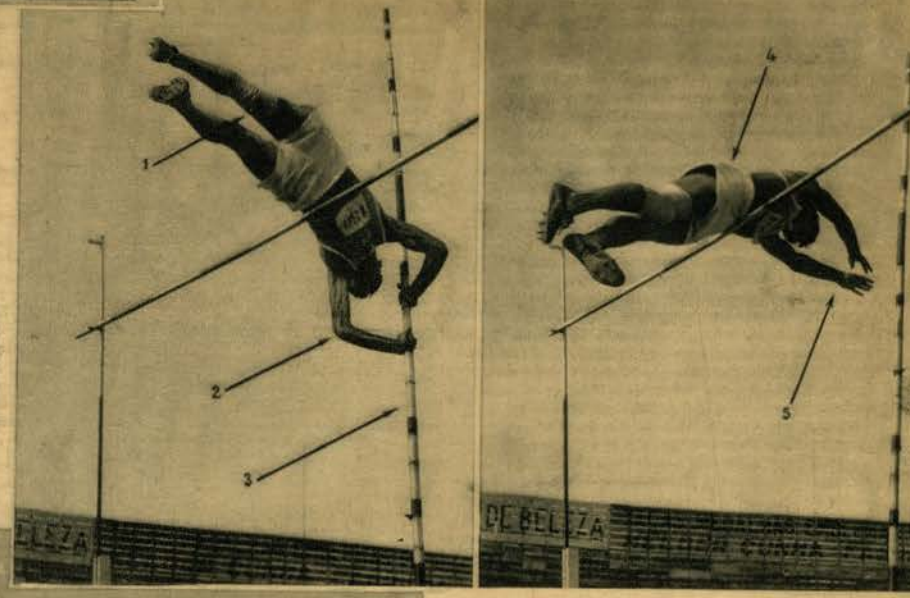
1—As pernas terminam o golpe de te-soura para conseguir a viragem do corpo; a subida foi feita conforme as regras, pois todo o corpo se elevou acima do apoio das mãos. Neste momento, a perna esquerda dirige-se para trás e a direita para a frente, ambas correctamente estendidas—e nada há a observar quanto a esta parte da execução do salto; mas...

2—...os braços estão flectidos, o que significa perda de altura aproveitável, e a sua extensão posterior já não corresponde ao sentido óptimo de elevação.

3—Boa coordenação nas fases de oscilação pendular, impulsionamento e viragem, visto o saltador ter atingido o vértice da sua trajectória quando a vara, quasi vertical, chegou ao termo da sua viagem ascensional.

4—A fase seguinte revela-nos alguns pormenores que carecem estudo correctivo do executante; concluída a viragem, o saltador repeliu logo a vara e passa a barra em voo planado, esquecendo a indispensável flexão angular e correndo o risco de derrube com o tronco ou com os braços.

5—Também, com certeza, as mãos se voltaram simultaneamente—e prematuramente; a mão esquerda deveria ter largado a vara no momento em que as pernas bruxavam do lado oposto da barra, para tornar possível a extensão complementar do braço esquerdo, o superior, promovendo acréscimo de elevação do torax e da cintura escapular, equivalente à distância que separava as mãos no apoio da vara. A segunda mão, a esquerda,



55

só se liberta, empurrando a vara, quando a bacía e os membros inferiores iniciaram franca descida.

55—Bernardes, estreante, segundo classificado nos campeonatos de juniores.

1—O pé da frente assenta em má posição, pois devia ter a ponta virada no sentido do lançamento. Assim, como está, desviado quasi noventa graus para a direita, representa um embaraço para a rotação do tronco à esquerda, para a deslocação da bacía e para a extensão da perna esquerda, sem a qual não pode haver firmeza de apoio. Todas as incorrecções de atitude ou gestos subsequentes são causados por este pormenor de aparência insignificante.

2—A abertura da passada é excessiva e traz como resultado ser impossível o impulso suficiente do pé direito para levar a anca ao plano transversal do apoio do outro pé e colocar a bacía e o tronco de frente para o lançamento.

3—A anca e o ombro direitos estão demastado recuados e a direcção do péso vai ser feita sem o auxílio do apoio de encontro à resistência da massa do corpo do lançador.

4—O braço esquerdo não trabalha, pois não exerce o mínimo esforço de tracção posterior, indispensável ao avanço do ombro direito, que precede e prepara a extensão do braço.



Tudo isto, afinal, porque a ponta do pé esquerdo está desviada do seu verdadeiro sentido.

56—Manuel da Silva, campeão de Lisboa e de Portugal.

A posição, analisada objectivamente, é satisfatória; as pernas e a bacía ocupam o lugar devido e o tronco e os braços também se apresentam quasi como a regra manda—e digo quasi porque parece haver uma flexão lateral esquerda do tronco que não é ortodoxa.

Quando presenciou as últimas exhibições do campeão, deve ter verificado que ele conclui a sua rotação no circulo em completo desequilibrio, prejudicando a eficiência das manobras posteriores ao lançamento. Esta fotografia mostra o porquê do desequilibrio; reparem:

1—O pé direito, que foi o primeiro a deslocar-se na translação rotatória, assenta junto ao bordo do circulo, portanto muito para a esquerda do lugar que lhe compete (2), sobre o diametro de translação. O mal é só este, e uma vez corrigido, o «record» português mudará de proprietário.

O erro vem de longe; já na época passada o indicámos ao atleta, mas não procurou corrigi-lo. Tal como executa o primeiro passo da rotação no circulo, alitrando o pé direito num arco de quasi 270°, quando devia ser apenas 180°, o lançador cai para a esquerda e vê-se forçado a dissociar o balanço do rodopio do trabalho final de projecção, para procurar primeiro o equilibrio. Em resumo: o atleta não domina a volta, a volta é que arrasta o atleta. Neste caso, também, é a má colocação de um pé a responsável de todos os prejuizos.

56



“MOCIDADE PORTUGUESA” acamparam na mata do Alfeite



SÃO quasi três mil e vieram de todas as bandas de Portugal. Encheram com o bulício da sua juventude o vasto pinhal e, espalhadas à sombra das copadas árvores, nasceram as «aldeias de oito dias», aglomerados caprichosos de brancas barraquinhas, onde se alberga e vive a vida sã, em contacto íntimo com a natureza, o formigueiro activo mas disciplinado dos rapazes da «Mocidade Portuguesa».

Foi uma grande vitória da vontade, este IV Acampamento Nacional, organizado nas mais difíceis condições, mas levado a bom termo, apesar disso, para cumprir na íntegra um programa pré-estabelecido e manter uma tradição que se tem afirmado de excelentes resultados.

Todas as províncias portuguesas estão representadas no acampamento do Alfeite e cada delegação ocupa seu espaço próprio: este arruado de tendas, naquela baixa, logo à esquerda de quem entra na mata, é o Douro Litoral; mais adiante fica o Minho; as Beiras instalaram-se no alto da pequena colina; e além da outra encosta a Estremadura e o Alentejo. O Algarve, saudável do mar, avista ao longe, por entre os troncos ásperos dos pinheiros, a mancha azulada das águas do Tejo. O acampamento forma um mapa de Portugal, desenhado por geógrafo caprichoso — e pouco respeitador...

A vida dos moços ali instalados, regulada diariamente pela vida dos dirigentes, decorre variada e a sua disciplina não impede a iniciativa de actividade dentro dos preceitos gerais estabelecidos; há horas para comer, horas para fazer ginástica, horas para descansar e horas para distrair.

Alegria, dinamismo, saúde física e moral, são as características desta reunião de rapazes que, pela disparidade da sua proveniência, poderia supôr-se heterogênea e se prova afinal da mais perfeita homogeneidade.

É a consequência de uma doutrina triunfante, o espírito da «Mocidade Portuguesa» flamejando na alma da juventude de Portugal, aceso pela mais vasta, fecunda e completa obra educativa que se tem desenvolvido no País.

Há que ir vê-los ao Alfeite, para compreender: são de todas as classes e de todas as origens, aquêles milhares de rapazes que a camisa verde e o calção castanho tornaram idênticos e o escudo quadrado com os castelos e as quinas irmanou nos mesmos ideais e nas mesmas obrigações; mas acamaram como se fossem velhos amigos e, sob a sua farda, ninguém os distingue — porque todos são simplesmente juvenis e irrepreensivelmente apurados e correctos.

Volta-se satisfeito de uma visita ao acampamento da Mocidade Portuguesa: verifica-se de facto o que são e o que valem hoje os moços portugueses — almas esclarecidas em corpos saudáveis — aptos para a sua missão futura, porque houve quem os orientasse na difícil aprendizagem da sua escola de homens!

SALAZAR CARREIRA

Fez-se desporto e gymnastica no acampamento da “Mocidade”

DURANTE os oito dias que permaneceram acampados na mata do Alfeite os filiados da «Mocidade» receberam diariamente a sua lição de gymnastica e contavam entre os seus divertimentos a pratica dos jogos

(Continua na pág. 11).



Em cima: Aprendendo a lançar o pêso, e o prazer de uns momentos de luta de tração. Em baixo: Aspecto de uma das secções do acampamento na mata do Alfeite



A direita, em cima: Vivendo as delicias de um refrescante banho... de cascata... e saboreando ao ar livre o almejado primeiro almoço. Em baixo: Um grupo de filiados do Alto Alentejo são captados pelo nosso fotografo na companhia de três vultos do desporto: Sarsfield, Salazar Carreira e Armando Sampaio

O que pensa a poetisa **Fernanda de Castro**

da prática dos desportos pela mulher portuguesa

Por intermédio da sua distinta colaboradora Anabela, STADIUM resolveu ouvir diversas pessoas do rélevo no nosso meio — rel-ro imposto pela sua situação social, pela sua inteligência ou pela sua cultura, demonstradas através do livro, da crónica ou da conferência — acerca da prática dos desportos pela mulher portuguesa. Os nossos leitores, que têm tido ocasião de apreciar o espirito clarificante de Anabela em algumas curiosas produções suas que publicámos, vão apreciar agora os seus dotes de jornalista. Como é natural, Anabela vai tratar de um assunto que particularmente prendeu a sua atenção — e que suscita enorme interesse.

HÁ já alguns meses que não escrevi uma palavra ás minhas amigas da Stadium — isto, simplesmente porque uma idéa começava a tomar-me e não me largava...



D. FERNANDA DE CASTRO

Certo dia, conversei com os meus boões: — Seria boa a idéa?

— Sim, mas não vêes que sim?! — responderam-me eles, serenos e sempre bons amigos. E proseguiram: — Que mais queres que dar á mulher desportista portuguesa a opinião das mais distintas mulheres do nosso País? Das que pela sua obra ou pela sua inteligência podem considerar-se verdadeiramente femininas e superiores?

— Está bem! — retorquiu. Mas não vêem?... Trata-se do desporto. Podem elas dar-me opinião acerca de tal assunto? — Com certeza! Não é sob o aspecto técnico que tu desejas o seu parecer, que as tuas amigas têm necessidade dele — mas sob o ponto de vista estritamente feminino, moral, social mesmo. — Têm razão...

Os meus amigos calaram-se. Eu calei-me também e mais uma vez sorri aos únicos amigos que não falham quando se precisa de bom conselho... E no dia seguinte pus-me a caminhar!

Estava um dia de sol, luminoso, forte. A luz dourava os bairros de Lisboa e eu fui andando devagar, para o de Alcântara, esse bairro modesto que nesse dia se mostrava mais berrante e alegre.

A senhora D. Fernanda de Castro é das mais illustres mulheres portuguesas — mãe que tem dois filhos verdadeiros e todos os outros que dão os primeiros passos da vida nos Parques Infantís! Na sua obra palpita um grande coração de mulher, na harmonia dos seus versos encontra-se sempre cunho essencialmente feminino. Era portanto da sua opinião que eu precisava — e foi na «Colmeia» que ela teve a gentileza de me dar.

— Não, de maneira nenhuma, desde que saiba escolher entre todos os desportos o que lhe convém — respondeu a senhora D. Fernanda de Castro, quando lhe perguntei se achava que a mulher perdia a feminilidade nas práticas desportivas.

— Pelo contrário, julgo que o desporto feminino bem orientado pode fazer de-

envolver na mulher certas condições físicas que ás vezes lhe faltam para bem cumprir o seu papel na sociedade: o de uma boa mãe; e é indispensável ser mãe saudável para que essa missão se cumpra integralmente. Não chega transmitir a vida, mas sim transmitir uma vida saudável, a única que pode dar a plena alegria de viver! De resto, a vida, tendo necessidade das suas horas de contemplação e meditação, é sobretudo, nos tempos correntes, actividade e dinamismo — e éstes alicerçam-se na capacidade física que o desporto pode desenvolver.

— E julga que o desporto tem alguma influência na educação?

— Acho que sim, principalmente na adolescência, quando os rapazes e raparigas não têm ainda caminho definido na vida, quando se querem distrair ou tomar interesse por qualquer coisa e não sabem ainda o que lhes convem. O interesse desportivo, nessa fase, só pode ter conseqüências boas; no entanto, julgo indispensável a existência de uma orientação médica conveniente.

— E sob o ponto de vista estético? A mulher nunca esquece esse ponto...

— Sim, sim, com certeza! Parece-me que a equitação, o «tennis», o «golf» e a natação são os melhores entre todos.

TENNIS

Os campeonatos da Curia

decorreram com extraordinária animação e denunciaram a superioridade dos jogadores nortenhos

O Curia Palace Sports Clube fez disputar nas suas excelentes instalações, de 3 a 8 d'este mês, os já tradicionais «Campeonatos da Curia». Esta competição, que nos últimos anos tem sido considerada, muito justamente, como das melhores que em Portugal se effectuam, excederam, nesta sua edição, as previsões mais optimistas.

Com effeito, conseguir juntar naquelas apreciáveis terras cerca de setenta jogadores (de ambos os sexos) idos propositadamente, de Lisboa e Pôrto, não é tarefa fácil de levar a bom termo. E, senão, vejamos: celebrando-se, com mais ou menos regularidade, torneios das mesmas características nas Pedras Salgadas, no Luso, na Figueira, na Praia da Rocha, na Costa da Caparica, em Oeiras e no Estoril (não citamos Cascais pois consideramos esse campeonato como prova de selecção), nunca se pôde reunir tão elevado número de concorrentes.

Os despeitados poderão dizer: é que o Curia P. S. C. tem certas facilidades, pela sua íntima ligação com o Curia Palace Hotel.

E' certo que assim acontece, Mas não é menos verdade que o simpático clube podia dispor das mesmas facilidades — e não as aproveitar...

E' de elemental justiça, portanto, salientar a dedicação e o esforço dos dirigentes do C. P. S. C., com Gil de Almeida á frente, em prol do «tennis». E é inegável que a modalidade muito lhe deve. Não constitui, consequentemente, favor da nossa parte a circunstância das primeiras palavras, nestas primeiras referências, servirem de louvor para a organização — bem correspondida pelos dirigentes da modalidade, pelas entidades oficiais e pelos jogadores.

Têm duas facetas deveras simpáticas éstes campeonatos da Curia: o á-vontade com que os jogadores de menos possibilidades se dispõem a «cair nas mãos» dos mais categorizados, ou de um dos «consagrados», e o facto de proporcionar um embate entre nortenhos e lisboetas.

Concretizando: com maior frequência do que a desejada vemos jogadores fracos solucionarem com a anti-desportiva falta de comparência a dificuldade

— Quanto a vestuário, concorda em o trajas em voga?

— Os «shorts» e outros trajas usados põem sempre uma nota harmoniosa no ambiente. No entanto, julgo que o vestuário desportivo feminino deve ter equilibrio de linhas e nunca incorrer em exageros por vezes ridiculos e ousados.

Foi nesta altura que me lembrei do futebol, d'este desporto século XX, que domina multidões e faz vibrar meio mundo. Seria possível que a mulher portuguesa tivesse também um dia o capricho de o praticar? E seria elle conveniente para nós? O que pensaria D. Fernanda de Castro?

Quando lho perguntei, a resposta foi espontânea:

— Não! O futebol é um desporto brutal para a mulher; só lhe poderia prejudicar a saúde e até a estétia. Não está no âmbito das possibilidades femininas!

— No entanto, é o desporto da actualidade... O que pensa do domínio que elle exerce nas multidões?

— Sabe... em Portugal o grau de civilidade ainda não é sufficiente para suportar sem atritos as grandes competições desportivas... O público apalxona-se demasiado e perde frequentemente o domínio dos nervos. Daí, attitudes condenáveis, que todos conhecemos. Estamos um pouco atrasados nesse ponto, mas esperamos que o futuro nos traga dias melhores.

Agradeç á senhora D. Fernanda de Castro e mais uma vez olhei o poema vivo representado pela «Colmeia» — poema de trabalho e de esforço, um grande poema de mulher — que a Poetisa criou também...

ANABELA

provocada por um sorteio pouco afortunado, que os colocava na contingência de serem copiosamente batidos por um jogador de maior valor. Na Curia, não. A sã camaradagem entre todos parece sobrepor-se á diferença de valores na prática do «tennis».

Quanto ao outro motivo, os Campeonatos da Curia fornecem uma das rariíssimas possibilidades de confronto entre o que valem os jogadores de Lisboa e do Pôrto. Esclarece, embora muito levemente, a difícil classificação anual dos jogadores. Apontamos, portanto, mais dois motivos que valorizam os torneios do C. P. S. C.

Já que falámos do confronto «norte-sul», não podíamos deixar de focar esse aspecto dos campeonatos.

Lisboa teve sobre o Pôrto apreciável vantagem na qualidade de jogadores. Mas, na verdade, o Pôrto anulou bem a desvantagem em que se encontrou e firmou nitidamente a sua superioridade. Basta citar o nome dos vencedores das duas mais importantes provas para ver que assim é: José Roquete, em «singulares», e José Roquete — Francisco Matos, em «pares» — dois portuenses de primeira categoria.

Ao desinteresse dos jogadores lisboetas de primeira categoria se deve esta inferioridade do «tennis» da capital. E' de admitir que dentro de poucos anos, quando os «novos» alcançarem «classe», as coisas mudem de feição. Porque nas «esperanças» Lisboa tem vantagem...

A prova de «singulares» reuniu 48 jogadores — incontestavelmente grande número é Teria havido alguém que não apontasse José Roquete como favorito número um? Crêmos que não. E, assim, não é descabido afirmar que todo o interesse da luta residia na dúvida sobre quem seria o adversário de Roquete na final — dúvida que foi difícil de esclarecer.

(Continua na pág. seguinte)

O VITÓRIA FUTEBOL CLUBE, de Setúbal

foi o melhor clube da província em futebol e procura trabalhar para reatar as suas tradições

A fundação do Vitória Futebol Clube, de Setúbal, data de 20 de Novembro de 1910.

Não é, no entanto, o clube mais antigo de Setúbal, visto que o Bonfim vem de 1908 e o União Avenida já existia em 1909. Fundaram-se, antes, o Académico, o Setubalense Sporting Club, que usava o mesmo equipamento que o Vitória passou a adoptar. De uma dissidência do Bonfim resultou a fundação, por Joaquim Venâncio, do Sport Vitória. Surgiram, entretanto, algumas divergências entre sócios que passaram para o novo clube e que pretendiam reorganizar o Bonfim.

Chega-se deste modo a uma reunião para resolver o desaparecimento do Sport Vitória e assentar no ressurgimento do Setubalense Sporting, de que eram figuras salientes Joaquim de Oliveira Costa, Jorge de Sousa e Mário Ledo. Joaquim Venâncio bateu-se pela continuação do seu clube; e Corréia da Costa, actualmente distinto escritor, propôs que se mudasse o título para Vitória Futebol Clube.

OS PRIMEIROS TEMPOS

Quando se fundou o Vitória, jogava-se ainda no campo público do Bonfim, no lado norte do actual Parque da Cidade. Uma das primeiras aspirações do novo clube foi arranjar campo seu.

A construção do Campo dos Arcos deve-se a Jorge de Sousa, que fôra jogador e tesoureiro do Setubalense Sporting. Com Jorge de Sousa, distinguiu-se Mário Ledo, o primeiro grande interior esquerdo do «onze» setubalense.

A filiação do Vitória, na Associação de Futebol de Lisboa, data de 1911, tendo-se apenas inscrito em 3.^{as} categorias. Começou modestamente; e soube elevar-se a pouco e pouco, sem pressas. A conclusão do campo dos Arcos, que confina com o extremo ocidental do Parque do Bonfim, vem de 1912. Na época de 1913-14 o clube já tinha segunda categoria.

Carlos Homem de Figueiredo, excelente médio direito do primeiro «team» do Sport Lisboa e Benfica, já havia fixado residência em Setúbal; e José Domingos Fernandes, avançado centro do mesmo «team», estava colocado naquela cidade. Ambos tinham conquistado fama, no Benfica e na viagem de uma selecção ao Rio de Janeiro. Com o reforço destes dois jogadores, fez o Vitória uma excursão ao Algarve, jogando em Faro. Na época imediata, esteve em Setú-

bal, uma selecção de jogadores de Faro, organizada pela União de Futebol daquela cidade.

O Vitória ganhou o primeiro campeonato regional, no distrito de Lisboa, em 1916-17, com a sua segunda categoria — e conseguiu novos triunfos, na mesma categoria, em 1921-22 e 1925-26.

A vitória em segundas categorias obrigou o clube a organizar o seu grupo de honra. Foi uma etapa difícil, que Jorge de Sousa ledeou oportunamente. Os clubes de Lisboa não aceitavam ir defrontar o Vitória, no campo dos Arcos. Domingo a domingo, vinha o Vitória a Lisboa, com todas as categorias.

No final da temporada de 1916-18, a 7 de Julho, jogou com o Benfica, para a taça «Mutilados da Guerra», perdendo apenas por 2-3.

O Vitória ganhou dois campeonatos de primeiras categorias — em 1922-23 e 1926-27. Neste último campeonato, triunfou com 37 pontos, contra 34 do Belenenses, e 31 do Carcavelinhos.

Em 1926-27, com a criação do novo distrito de Setúbal, por decreto de 22 de Dezembro de 1926, teve o Vitória de abandonar a Associação de Futebol de Lisboa.

CLUBE DE GRANDE PLANO

Em 1919 morreu Jorge de Sousa, a quem o Vitória deve o desenvolvimento inicial. Foi a «alma» do clube, durante nove anos. Na suprema direcção do Vitória, seguiu-se Mário Ledo. Jogou até bastante tarde. Dispensou depois a sua melhor atenção a uma modalidade em que o clube brilhou bastante — a natação. Com a morte prematura de Jorge de Sousa, teve também de ser director esforçado e competente. O Vitória fazia parte integrante da sua vida.

O ano de 1923 trouxe Mariano Coelho à direcção do clube. E Mariano Coelho transformou o Vitória, elevando-o a clube de primeiro plano, ao plano do melhor clube provinciano de futebol. Trouxe Artur John, do estrangeiro, para treinador do clube. Criou-se em Setúbal um «padrão» de jogo que é ainda recordado com saudades. Artur John e Mariano Coelho, com Pedro Marôcho e outros colaboradores, deram ao Vitória novas perspectivas e novas aspirações.

O Vitória entrou assim num período de grande actividade, no que respecta à organização de jogos com clubes estrangeiros.

O «onze» normal de 26-27 — ano em que foi finalista do Campeonato de Portugal — tinha a seguinte constituição: Artur Augusto; Joaquim Ferreira e Francisco José da Silva; Augusto José, Anibal José e Matias Carlos; Eduardo Augusto, João dos Santos, Octávio Cambalacho, Armando Martins e Francisco dos Santos (Nazaré)

Em 1927-28, o Vitória conquistou o primeiro campeonato distrital de Setúbal. E manteve-se ainda como clube de grande plano durante alguns anos.

UMA VIAGEM ACIDENTADA

Em 1929, no período de defeso, deslocou-se o Vitória ao Brasil, durando a viagem cerca de 3 meses.

A equipa setubalense levou consigo a seguinte constituição: Artur Augusto; Joaquim Ferreira e Francisco Silva; Augusto José, António Palhinhas e Matias Carlos; Eduardo Augusto, João dos Santos, Domingos das Neves, Armando Martins e Francisco dos Santos (Nazaré). Com o Vitória seguiram viagem Raúl Figueiredo, António Roquete, Gustavo Teixeira, Liberto dos Santos e Carlos Alves, de outros clubes.

Esta saída do clube setubalense provocou uma série de incidentes, a que a direcção do Vitória foi e se manteve estranha. Reproduzimos, entretanto, os resultados:

Em S. Paulo, onde se fizeram os primeiros desafios: empate de 2-2, contra a Associação de Desportos Atlético, o grupo mais fraco que o Vitória defrontou no Brasil; e empate de 1-1, contra a selecção de São Paulo.

No Rio de Janeiro, derrota por 0-4, contra a selecção A do Rio; derrota por 1-2, contra o América; e derrota de 1-3, com a selecção B do Rio, de valor global idêntico à selecção A. Os três jogos no Rio foram disputados de noite. E todos eles tiveram arbitragens parciais.

Em São Paulo: empate de 1-1, em frente do Atlético Paulistano.

Em Belo Horizonte, contra o clube local, derrota, por 1-3. O árbitro deste encontro foi o pior; e, em Santos, contra o Santos Futebol Clube, nova derrota, por 0-4.

No Brasil só houve de bom e feliz o trefino feito pelo Vitória, no Rio, à passagem para São Paulo.

O VITÓRIA NAS ILHAS E NO ESTRANGEIRO

O Vitória jogou já na Madeira e nas Canárias, em Las Palmas e Tenerife.

Outras cidades ou localidades do estrangeiro onde o clube setubalense jogou: Isla Cristina, próximo de Huelva, Sevilla, Badajoz, Saragoça, Barcelona e Santander, etc.

Em Setúbal, ou em Lisboa, nos seus melhores tempos, alinhou, entre outros, contra os seguintes clubes estrangeiros:

Celta de Vigo (duas vezes, pelo menos); Szombately, húngaro, mais tarde Sabaria (também duas vezes), MTK, de Viena de Áustria, Ferencvaros, checo, VAC, húngaro, Helsingborg, sueco, Furth, alemão, Casuals, inglês, Colo-Colo, chileno. Bateu-se, também, contra o Vasco da Gama, brasileiro, arrancando um empate que teve muito de brilhante.

Da escola de Artur John, e do contacto frequente com bons clubes estrangeiros, resultou a formação de excelentes jogadores setubalenses. Entre eles distinguiram-se João dos Santos e Armando Martins, dois dos melhores jogadores portugueses de todos os tempos. A eles podemos juntar Ani-

(Conclui na pág. seguinte)



Aspecto da exposição dos trofeus já conquistados pelo Vitória F. C.

○ Vitória Futebol Clube tem agora uma Comissão Administrativa. No findar da penúltima temporada surgiram algumas dificuldades entre a massa associativa do popular clube sadino e a solução do problema deu-a a Direcção Geral de Desportos, nomeando a comissão sob a presidência do dr. António de Oliveira Carmona, médico muito distinto.



Dr. António Carmona
Presidente do Vitória

Quisemos ouvi-lo sobre a situação do clube, mas não nos foi muito fácil. Dado o carácter transitório das funções que desempenha, preferia não se pronunciar. Acendeu por fim e começou as suas declarações dizendo, em resumo, que a época de futebol foi francamente boa, quanto a classificações e quanto a relações do clube com as autoridades locais. O dr. Mário Madeira, ilustre governador civil do Distrito, dispensou ao Vitória uma atenção que muito o penhorou. Entre o que houve de desagra-

OS PROBLEMAS DO VITÓRIA

O CAMPO DOS ARCOS VAI SER MELHORADO E CONCLUÍDA A CONSTRUÇÃO DO «RINK» DE PATINAGEM

dável, não esqueceram os dirigentes do Vitória o que se passou com o terceiro jogo contra a Académica na «Taça de Portugal». Prefere, porém, não falar desse caso. Sob o ponto de vista financeiro, a gerência tem corrido bem.

Quanto a projectos relativos ao futebol, o dr. António Carmona disse-nos apenas que Armando Martins continua a ser o treinador do clube, e que o referido desporto é dirigido, dentro do clube, por uma comissão composta por Armando Martins, João dos Santos e Augusto Pedrosa. Os dirigentes confiam na competência desta comissão para a melhoria progressiva das suas equipas.

A direcção não tem, de momento, outros projectos que não sejam alargar o número de modalidades a que se dedica, completar o que está começado e promover no campo dos Arcos os benefícios necessários para se agüentar, até à sua expropriação. O Campo dos Arcos está condenado a desaparecer, em holocausto à expansão da cidade.

Neste ano, fizeram-se pequenas reparações. Em projecto, está, logo que as finanças

o permitam, a construção de novas bancadas e novos balneários. E vai ser concluído o «rink» de patinagem. O problema pior é o do futuro campo. Mas esse não pode ser resolvido unicamente com os recursos do Vitória. A Câmara Municipal não deixará de auxiliar o melhor clube local numa obra de valorização cidadina.

E o dr. António Carmona fechou assim as suas declarações. E tudo quanto disse permite esperar que o Vitória volte ao desenvolvimento e valor dos seus melhores tempos.

RESUMO DA ÚLTIMA ÉPOCA

*segundo Anibal Rendas
capitão da equipe de futebol*

A vida do Vitória Futebol Clube

(conclusão da pág. anterior)

bal José, Joaquim Filipe dos Santos, Joaquim Ferreira e João Cruz.

O Vitória contribuiu, para selecções de Lisboa em jogos internacionais, e para as selecções nacionais, com os seguintes jogadores: Ernesto Viegas, João dos Santos, Francisco Silva, Francisco dos Santos (Nazaré), A. Cavaquinho, Armando Martins, Artur Augusto (Camolas), Octávio Cambalacho e Domingos das Neves. Foram também internacionais, embora representando outros clubes, Joaquim Filipe dos Santos, Joaquim Ferreira, João da Cruz e Raúl Figueiredo, antigos jogadores do Vitória.

NAS OUTRAS MODALIDADES

Fora do futebol, o desporto em que o Vitória mais se fez notar foi a natação. Teve um bom nadador de fundo — Alfredo Pereira. Outros nadadores se distinguiram também — Joaquim Nunes, Duarte Catalão e Francisco Alcobaça. Coube, porém, a Faustino José Santana a representação de maior brilho. Chegou a campeão de Portugal de 100 metros livres (1923), 400 metros livres (1922 e 1923), 800 metros livres (1921) e 1.500 metros livres (1921 e 1923). Era um nadador verdadeiramente excepcional — em «over-arm». Teve uma ou duas épocas em que ganhou todas ou quasi todas as provas disputadas. Manteve-se invencível em provas de meio-fundo durante alguns anos.

Em Setúbal, na antiga doca, disputaram-se, um ano, várias provas dos campeonatos nacionais. Em 1925, disputou-se um jogo de «water-polo», entre a selecção do Pôrto e outra de Setúbal, como preparação do Pôrto-Lisboa, apenas disputado em 1926.

O Vitória dedicou-se ao ciclismo alguns anos, fazendo-se representar, mais de uma vez, na «Volta a Portugal». O «hockey» em campo contou uma boa equipa, sob a direcção do nosso prezado colega de imprensa Belo Redondo. A secção de tiro do Vitória tem marcado posição de destaque, em tor-

neios e campeonatos de tiro com arma de guerra. Já existiram também secções de desportos atléticos, remo e «box»

ALTOS E BAIXOS

O Vitória atravessou um período de crise, durante alguns anos. O seu nome glorioso saiu das grandes competições nacionais da bola — e dos próprios campeonatos de Setúbal. Em 1942 é que começou a ressurgir. Na época de 42-43 voltou a brilhar; e chegou a finalista da «Taça de Portugal».

Na última temporada entrou no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Custou a entrar, mas soube honrar os seus pergaminhos, pois ficou em sexto lugar, atrás do Belenenses. A «Taça de Portugal» deixou-lhe largo período de amargura.

AS INSTALAÇÕES

O Vitória tem um parque de jogos no Campo dos Arcos, e tem a sede na praça do Bocado.

No campo dos Arcos, existe um rectângulo para futebol, com bancadas, e campos para «basket» e «volley-ball». No campo de jogos tem em funcionamento o cinema ao ar livre, no defeso.

A sede engloba: a secretaria propriamente dita, salão de baile, com galeria, sala para jogos, uma sala com dois bilhares e um bilhar chinês, gabinete de direcção, sala dos trofeus, re-inaugurada em 20 de Novembro do ano findo, depois de feitas algumas obras — e escola para instrução primária. Está tudo muito limpo e muito arrumado.

O Vitória, que conta cerca de 3.000 sócios, tem em funcionamento as seguintes secções: futebol, tiro, «basket», «volley», «tennis» de mesa e «lawn-tennis».

A primeira categoria do popular desporto é capitaneada por Anibal Valério Rendas. Fêz-se jogador no Vitória — e não conheceu ainda outro clube. Tem 26 anos e é funcionário telégrafo-postal. Dentro da sua equipa tem ocupado quasi todos os lugares. Vai para onde é preciso... Nos últimos tempos fixou-se no pósto de interior direito. Na opinião do capitão, a última temporada não foi má de todo. O «onze» conquistou o título de campeão do distrito e entrou, assim, no Campeonato Nacional da I Divisão. Classificou-se em 6.º lugar, logo depois do Belenenses. Foram menos felizes na «Taça de Portugal». A Académica surpreendeu os setubalenses, em Viseu, ganhando por 3-1. Em Setúbal, triunfou o Vitória. Mas não foi além de 3-1. Houve, pois, necessidade de desempate. E o clube perdeu, por 0-3. O capitão do Vitória não quer falar desse jogo. Anota-se, entretanto, que êle deu um exemplo admirável de correcção e apurmo.



Anibal Rendas
Capitão do «onze»
de honra do Vitória

Soube ser capitão e desportista.

Os melhores resultados da época, em sua opinião, foram a vitória contra o Belenenses, no próprio campo das Salésias, por 2-1. Nesta fase de ressurgimento, o melhor resultado que aponta é o de 7-0, contra o Pôrto, em 1942-43, depois de ter perdido, em Setúbal, por 0-6. E um caso curioso de recuperação, em pouco mais de uma semana.

Anibal Rendas disse-nos ainda que os grupos do Vitória vão continuar a trabalhar com entusiasmo, sob a direcção de Armando Martins, o célebre internacional de vários anos. Acerca de possível reforço da equipa de honra, apenas acrescentou que contam com Cardoso Pereira e Baptista, jogadores do Barreirense, que voltam para Setúbal.

Vamos aprender como se joga?

V — O manejo da bola, passes e lançamentos

Notas técnicas pelo dr. SALAZAR CARREIRA

A segurança e correcção na passagem da bola são muitas vezes influenciadas pelo procedimento dos companheiros de equipa que seguem o portador da bola; em quantas ocasiões sucede aquêles desorientarem-no com brados intempestivos, a reclamar o passe, cada um para seu lado, denunciando ao adversário todas as hipóteses possíveis na seqüência da jogada. E toda a gente sabe que homem prevenido vale por dois...

Recomendamos, especialmente aos jogadores que participam num ataque à mão, que tenham sempre na devida conta as seguintes normas:

1.º — Distribuirem-se de um e outro lado do condutor da bola, da maneira que lhes pareça mais favorável ao prosseguimento do ataque, em posição recuada para evitar o passe adiantado e sempre desviados da marcação directa de qualquer adversário, a fim de garantir caminho livre para correr no caso de lhes ser entregue a bola.

2.º — Não reclamar nunca a passagem, sob pretexto de indicar ao portador da bola a direcção favorável, pois a este compete exclusivamente avaliar a situação e escolher o momento próprio para a transmissão, bem como o seu destinatário.

Por sua vez, o jogador que se desfez da bola, se não ficou imobilizado pela placagem do adversário, comete erro fundamental julgando cumprida a sua missão e desinteressando-se do seguimento da jogada; a possibilidade de nova intervenção activa será sempre considerada e o seu dever, portanto, consiste em prosseguir, acompanhando o novo possuidor da bola, preparando-se para a eventualidade de as conveniências do jogo lhe trazerem outra vez a bola às mãos.

Precisamos de analisar ainda o aspecto propriamente técnico da manobra de passagem, na qual exerce forte influência a forma como o jogador que a executa segura a bola: deve ser mantida com as duas mãos, o eixo maior paralelo ao eixo dos braços, posição em que deve ser colocada logo ao ser recebida, para que não haja embaraços, numa surpresa de emergência, para passagem imediata.

Só os passes muito longos, como certas transmissões do médio, nos lançamentos da linha lateral, não podem ser feitos desta maneira; em tais casos, a bola segura-se apenas com uma das mãos, por um dos extremos, assentando na sua maior dimensão sobre o antebraço.

Para garantir, nesta jogada especial, a perpendicularidade na trajectória da bola, condição regulamentar indispensável nos lançamentos da linha, é de aconselhar executá-los com o corpo de perfil, a linha dos ombros no sentido do lançamento, o braço que sustenta a bola pendente no flanco. O movimento de projecção é feito com o braço estendido, num semi-círculo de baixo para cima e no plano da linha escapular, por forma que o lado interno do braço venha chocar, no final, de encontro à cabeça.

Voltando ao assunto primitivo, e para completar o seu estudo descritivo, diremos ainda que a paisagem só deve ser feita desde que o portador da bola esteja correndo rigorosamente no sentido da linha de balizas do adversário. Se, no momento do passe o portador da bola corre em direcção à linha lateral, orienta os jogadores contrários em sentido comum e fá-los incidir sobre o ponto ameaçado.

Nunca se deve esquecer que o movimento geral do jogo depende com frequência da iniciativa individual e, no caso presente, quando o portador da bola for levado pelas circunstâncias a obliquar a corrida, pensar-se em corrigir a direcção desta, antes de executar a passagem. Quando lhe seja impossível, procurará contudo evitar a transmissão no sentido

da corrida dos adversários, preferindo para destinatário do passe os companheiros que o seguem do lado oposto, ou deslocando o jogo comum pontapé cruzado, na intenção de entregar a bola a qualquer componente da sua equipa, desmercado e na zona de menor concentração de defensores.

O jogador na posse da bola recorre ainda, às vezes com eficácia, a certa manobra táctica subtil, a finta de passe, a qual consiste — como o nome indica — na execução do gesto de transmissão da bola, que finalmente se conserva nas mãos, e no propósito de ludibriar o adversário que se aproxima no intuito de placagem. Sendo proibido, pelas regras de jogo, prender o adversário que já não é portador da bola, acontece que o defensor se deixa enganar pela finta, desviando a corrida para quem ele julga vir a ser o novo portador e deixando a passagem livre ao verdadeiro atacante.

Convem acentuar que este subterfúgio de jogo só excepcionalmente dá resultado favorável e não é de aconselhar como norma, pois conduz a hábitos de pessoalismo exagerado, sempre condenáveis.

A finta de passe nunca poderá, em princípio, resultar favorável se o antagonista for jogador experiente e cumpridor, porque este sabe que se não deve precipitar com fantasias e impedir a passagem ao homem que lhe compete marcar. Só em circunstâncias excepcionais pode ver-se hesitante, ante um ataque numericamente superior.

A melhor forma de placar é lançando os braços à volta das coxas, um pouco acima do joelho, para evitar choques perigosos. As prisões altas são pouco eficazes, porque o atacante facilmente se livra, com a mão disponível, do tímido obstáculo que se lhe antepõe. A primeira qualidade que caracteriza o jogador de «rugby» é não ter receio de cair ou de se opor com energia, e corajosa decisão, ao ataque do adversário.

NOTAS & COMENTÁRIOS

AS grandes reportagens da «S.ªdium», que têm obtido o mais desvanecedor êxito, nem sempre são feitas facilmente. Algumas delas têm dado até muito trabalho. É pois dever de gratidão salientar a cooperação desinteressada e valiosa que por vezes temos encontrado.

Neste grupo figuram, para Coimbra, os srs. dr. Amadeu Rodrigues e Manuel Gaspar, nossos prezados colegas na imprensa comitativa. A colecção da «Voz Desportiva», que o dr. Amadeu Rodrigues mantém e dirige há anos, foi elemento magnífico de consulta. Também nos foi muito útil uma série de artigos de recordações, no «Setubalense», diário sadino, do sr. António Palhinhas, antigo jogador e árbitro de futebol. A todos, os nossos melhores agradecimentos.

A CERCA destas reportagens vem a propósito anotar que a direcção do Atlético Clube de Portugal nos distinguiu com um officio muito amável, de agradecimento pelo trabalho relativo ao seu club. Neste agradecimento abraça a nossa revista e Fernando Sá, nosso estimado colega de redacção.

Registamos gostosamente esta stitute. E desejamos que o Atlético Clube de Portugal mantenha sempre, como até aqui, boas relações com a imprensa. E' dos clubs que se mostram mais reconhecido pelos serviços que presta ao desporto.

DISPUTARAM-SE, de 12 a 14 deste mês, as «Provas Extraordinárias do Verão de 1944», de tiro aos pombos, organizadas pelo Clube de Caçadores do Porto, com uma boa série de premios. Os torneios de tiro nos pombos estão agora na altura própria. E o Clube dos Caçadores do Porto é dos que sabem organizar melhor as provas deste género.

FOI já tornada official a transformação do título do Unidos, para Grupo Desportivo da C. U. F. Volta-se ao principio... Os nossos parabéns!

O Carnida Clube tem sido dos melhores clubs de portugueses de «basketball». Causou, por isso, surpresa a noticia de que alguns desinteressar-se daquêlê desporto. Não conhecemos os motivos que levaram a encerrar em tal resolução. Mas desejamos que tudo se arrume — em bem.

COMEÇA SE a falar nas transferências de jogadores de futebol, de um club para outro. Franklin, que era do Belenense, deve jogar pelo Vitória de Guimarães. Para o Vitória de Setúbal indicam-se os nomes de Carlos Pereira e Baptista, do Brerrenense. Pina, médio centro do Unidos do Barreiro, hesita entre o Vitória e o Sporting. Armando e Acácio, que eram da Associação Académica de Coimbra, pensam alinhar pelo Belenense.

Até agora, apontam-se a Associação Académica e o Barretense como sendo os clubs mais afectados pela saída de jogadores.

A Associação do Futebol de Lisboa começou a preparar a nova época do popular desporto: a inscrição de clubs, para os respectivos campeonatos districtais, faz-se de 15 a 31 do mês corrente; no mesmo dia 15 começa a inscrição de jogadores; e ainda em 31 deste mês o pagamento das quotas de filiação.

Os campeonatos districtais de futebol devem começar em 17 de Setembro. Isto quer dizer que falta pouco tempo — para que o futebol recomece!

ESPINHO vai ter um Campeonato Internacional de «golf», organizado pela Comissão Municipal de Turismo, que dirigiu já convite às equipas nacionais de Portugal e Espanha. Deve, pois, ser disputado pelos melhores jogadores dos dois países. As teças postas em luta são quatro: «Monumental», «Grande Cusino», «Turismo» e «Câmara Municipal de Espinho».

Ao campeonato em preparação está, por certo, reservado grande êxito.

TENNIS NA CURIA

(Continuação da pág. anterior)

Coube essa honra ao «novo» José da Silva, um jogador que parece estar no «portal» da 1.ª categoria. Claro que a boa vontade do novo campeão de Lisboa de 2.ª categoria não chegou para o valor do campeão de Portugal e o último encontro da prova pouco valeu. Em contrapartida assistiu-se, antes, a boas lutas. Nas condições em que as duas primeiras eliminatórias foram jogadas (ao melhor de 15 jogos), é difícil ajuizar do valor actual dos adversários, visto que pode ter havido desfechos ao contrário do que se registaria noutras circunstâncias. Há jogadores que tardam a dar o seu melhor rendimento e outros que começam fulgurantemente — para «durarem» pouco. Na segunda fase da prova não se verificaram surpresas, a bem dizer. Cite-se, no entanto, a actuação do engenheiro Mário Meunier, a derrota do campeão do Porto, de 2.ª categoria, em frente de Hardy Júnior, e a réplica de Ruy Pereira, na meia-final, contra José da Silva.

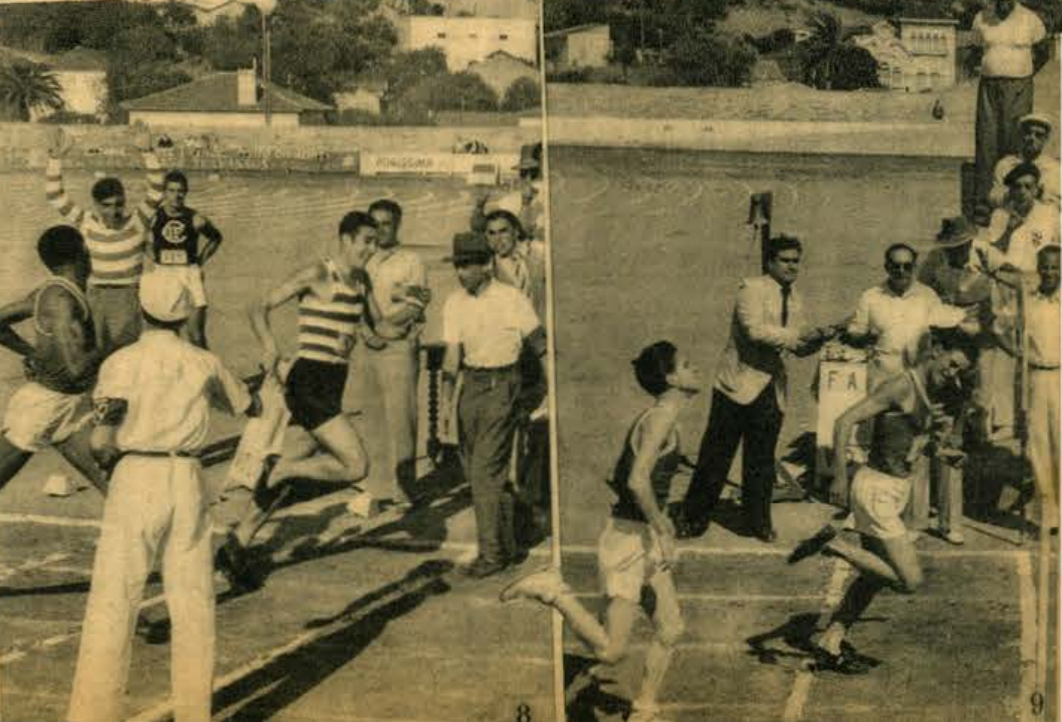
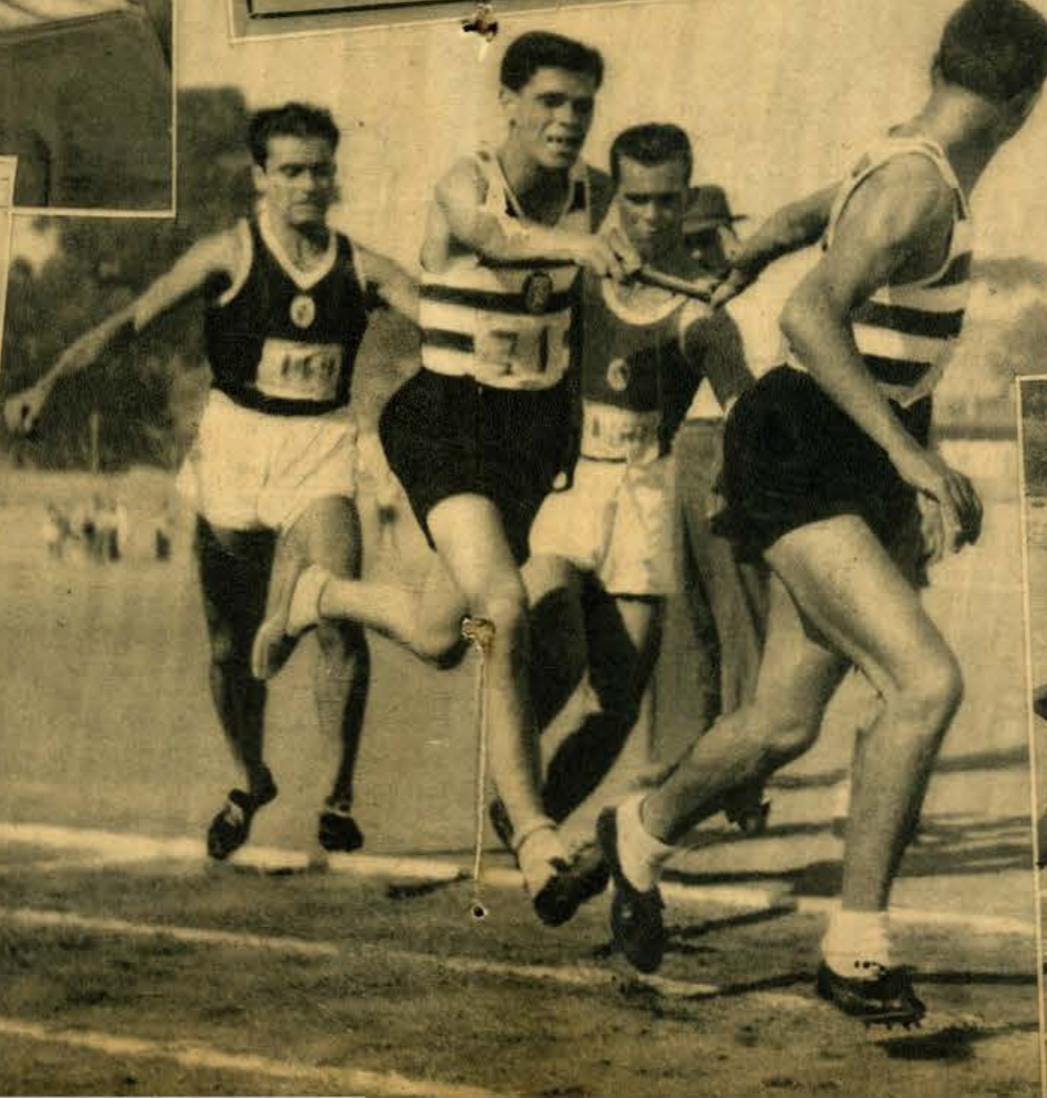
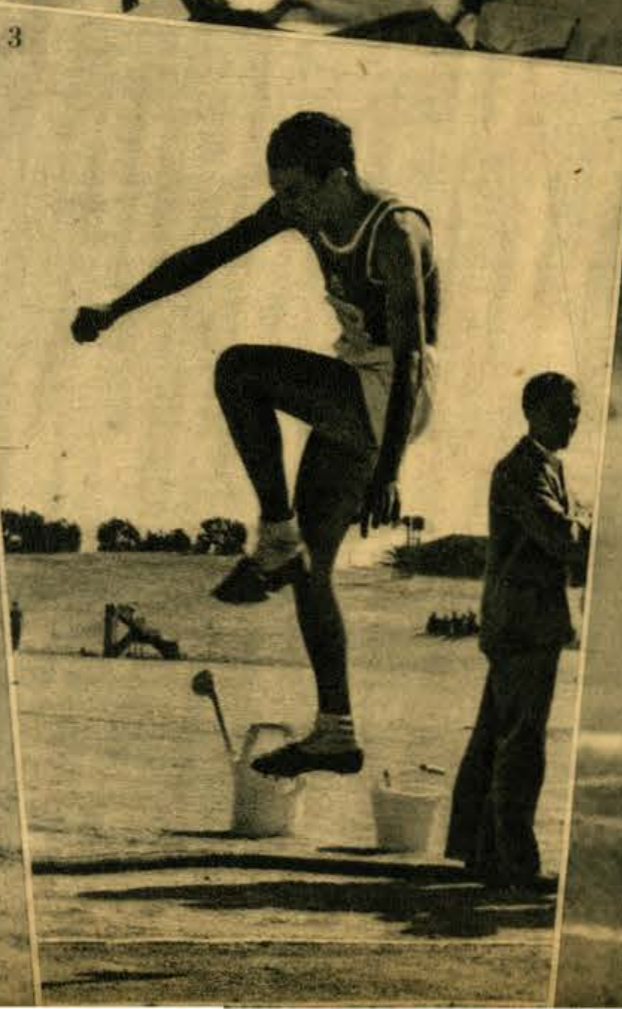
As provas de «pares-homens» e de «pares-mistos» foram, também, largamente concorridas. Succederam-se as lutas equilibradas e de agrado para a assistência, até atingirem nas finais a culminância.

Na primeira destas provas, J. Roquete — F. Matos bateram na final Serra e Moura — A. Botter. Mas se tem acontecido o inverso — também não ficaria mal... Na segunda, Peggy Brix — A. Botter derrotaram Gabriela Cantharino — José da Silva. Mas, da mesma maneira, o contrário não causaria espanto — para quem assistiu às duas finais.

ATLETISMO
*Aspectos Gráficos da 2ª jornada
 dos Campeonatos Regionais
 de Seniores e Femininos*



1 — O sorriso confiado das raparigas do Sporting; 2 — A equipa do mesmo clube que venceu na estafeta de 4 x 400 metros; 3 — Luis Alcida, do Benfica, campeão regional do triplo salto; 4 — Aspecto da final dos 400 metros barreiras, ganhos por Matos Fernandes, o excelente atleta do Benfica; 5 — Um belo momento fotográfico, que mostra o dinamismo e emoção do atletismo, colhido na estafeta de 4 x 1500 metros, no momento preciso de uma disputada passagem do testemunho; 6 — Olga Ribeiro, a simpática desportista do Sporting, ganha o salto em comprimento e bate o "record" do sul; 7 — A equipa do Benfica vence a estafeta de 4 x 400 metros; 8 — João Jacinto, do Sporting, ganha o último percurso da estafeta de 4 x 400 metros, mantendo o poligante duelo com Matos Fernandes; 9 — Pires de Almeida, do Benfica, vence os 1500 metros, segundo de João Silva, do mesmo clube
 (Fotos C. Madeira)



Após a fusão Pedreirense-União Almadense

O ALMADA ATLETICO CLUBE

Será em breve uma honrosa manifestação do desporto Almadense

A vila de Almada, aninhada no alto dos montes da Outra Banda, desfruta de situação privilegiada. Debruçada sobre o Tejo, olhando desfogadamente Lisboa inteira, Almada bem merece as carinhosas dedicações que se lhe tem devotado, procurando engrandecê-la, ajudando-a no aspecto de renovação e melhoramentos que a cada passo se encontram por toda a vila.

Terra de gente laboriosa, que tem orgulho naquele sincero arejado, onde de cada janela se espreita o lídido rio e os olhos se inundam da paisagem campestre, Almada vai tomar posição de relvêo no desporto. Dissos nos convencemos quando num destes últimos dias lá estivemos, inquirindo ao certo o que significava a fusão dos dois antigos clubes de Almada, o Pedreirense Futebol Clube e o União Sporting Clube Almadense, sensata resolução que deu motivo à fundação do novo clube: o Almada Atlético Clube.

A interferência amável de Francisco Valente — um nome que fica ligado à ideia — colocou-nos na presença do sr. José Braz, presidente da direcção do novo clube, uma figura de respeito em Almada, espírito ponderado, ideia sempre ligada a boas ideias. Por isso o seu nome apreceu — e foi bem recebido — nesta benéfica questão desportiva que é hoje em Almada assunto de grande importância.

— Esta ideia excedeu toda a expectativa! — diz-nos o sr. José Braz, com sincero entusiasmo.

— Como a receberam as duas massas associativas?

— De início, como é compreensível, formaram-se nos dois sectores, grupos que se opunham à fusão. Mas façamos-lhe justiça. Para muitos, os clubes constituíam um lar antigo. O amor clubista imperava. A saúde pelo grupo que lhes merecera tantas dedicações e esforços ajudara a não concordarem com a ideia, que era boa — para a terra e para a ideia desportiva. O exemplo daquele sócio que compreendendo o benefício da fusão teve a sinceridade de me dizer: «Concordo com a fusão, mas quando ela for um facto quero reunir num jantar de despedida alguns companheiros e chorar o desaparecimento do meu clube!». Dedicações destas vieram fortalecer o novo clube.

O sr. José Braz continuou expondo a finalidade que orientou este projecto:

— Almada é terra de gente boa, trabalhadora, honesta e sempre pronta a reunir-se em volta de uma bandeira para demonstrar o valor da sua actividade e das suas boas ideias.

«O nosso meio recreativo impõe-se. As duas colectividades, a Academia Almadense e a Incrível Almadense, constituem motivo de orgulho. Por que haviam de continuar dispersos por dois clubes de desporto valores tão aproveitáveis? Por que haviam de continuar devididos os homens, em vez de os juntarmos num grande clube que marcasse posição de relvêo no concelho e que conseguisse reunir todos os almadenses em volta de uma só entidade?»

«E tudo correu pelo melhor. Este nosso bom povo, humilde, mas amando muito o que pertence a Almada, é neste momento o melhor auxiliar para que a iniciativa tenha o êxito que lhe antevemos. Registe-se que, espontaneamente, logo nos primeiros dias se inscreveram mais de 200 sócios, que até então não pertenciam a nenhum dos dois clubes.»

O sr. José Tomaz anima-se. As suas palavras são ajudadas por entusiasmo que, sendo comovido, deixa entretanto previr os bellos projectos que estão já em efectivação.

— O Almada Atlético Clube será um clube de todos e para todos. Preocupa-nos não fazermos uma coisa defeituosa, mas sim com bases sérias e que no futuro marque posição. Pretendemos, especialmente, fazer em Almada um clube em que se possa preparar a juventude.

«Acariñados e aconselhados pelo sr. capitão António Cardoso, contamos com o aplauso da Direcção Geral dos Desportos, além do apoio dos melhores valores da nossa terra.»

E o sr. José Braz salienta-nos um nome, uma figura a quem o concelho de Almada tanto deve:

o banqueiro António Piano Jor. Almada considerava-o a sua «varinha de condão», sempre ao lado das boas iniciativas, desde que tenham por finalidade o engrandecimento da terra.

A generosidade do sr. Piano Junior tem-se feito sentir em todas as obras de beneficência e de recreio espiritual que se têm organizado em Almada. E ao ser posto ao corrente do que se passava com a fundação do novo clube desportivo, o interesse e a magnífica ajuda de António Piano colocaram-se ao dispor da direcção do Almada Atlético Clube.

«Mercê dêsse valiosíssimo apoio — continua iludindo-nos o sr. José Braz — o novo clube terá a sua sede própria. Neste momento ultimam-se as negociações para a compra, ou de um edifício e campo anexo, ou de terreno onde se edificará a sede. E qualquer destes elementos estão já escoelhidos.»

— Os seus projectos, quanto a instalações desportivas?

— A futura sede do Almada A. C. reunirá todas as instalações necessárias a um bom clube de desporto. Terá um amplo e apetrechado ginásio e campo de «basketball».

«Os campos dos dois clubes, o do Pedreirense e do União, pensamos depois aproveitá-los sob o seguinte projecto: o primeiro para futebol, introduzindo-lhe mais alguns melhoramentos e bancadas; o segundo para as pistas de atletismo, «rink» de patinagem, «courts» de ténis e piscina.»

«Tudo isto terá as suas dificuldades de realzação. Não as desconhecemos. Mas com a nossa vontade e entusiasmo, e amparados a tão bom auxílio, venceremos — e depressa!»

— O que será a actividade desportiva?

— A nossa preocupação é fazer desporto, mas assente na base principal de educação física e cívica seria. Todas as modalidades desportivas nos vão interessar, mas importa sobretudo fazer dentro do nosso clube verdadeiros desportistas, rodê-los desde pequenos com a necessária preparação para que num futuro próximo o Almada Atlético Clube se apresente com tudo que seja almadense.

«No futebol, como força impulsionadora de todos os sectores desportivos, terá o Almada A. C. representação condigna. Os nossos jogadores estão confiados ao interesse e competência de Manuel Alexandre. Depois, o atletismo e todas as outras modalidades e, não esquecendo que estamos tão perto do mar, a natação, o remo e a vela.»

«Uma propaganda iniciaremos: a de levar ao campo das práticas desportivas a rapariga do Almadense. Almerinda Correia, que nos representou nos actuais campeonatos regionais de atletismo, conquistando para o Almada A. C. a sua primeira vitória, é significativo exemplo.»

«Estou convencido de que em breve o Almada Atlético Clube será uma grande e honrosa manifestação do desporto almadense, contribuindo com actividade e melhor entusiasmo para prestígio do desporto nacional — diz-nos o sr. José Braz, dando por terminadas as suas amáveis informações.»

Por nossa parte — pudemos apreciar pessoalmente todo o interesse que em Almada se nota pela nova colectividade — fazemos votos para que em breve o clube se rodeie do valor necessário para prestigiar as cores escoelidas para o seu estandarte — azul e amarelo, que também matizam e embelezam as armas do concelho.

FERNANDO SÁ

A propósito da ida do Benfica a Alenquer

A excursão promovida pelo Sport Lisboa e Benfica a Alenquer, a que nos referimos no último número, constituiu excelente jornada de propaganda — para o Benfica e para o Desporto. E merecem registo algumas notas da viagem.

A colaboração dos Ciclo-Turistas foi preciosa em muitos aspectos — até na preparação da chegada dos corredores — que dispuseram a prova de iniciados. O grupo numero-o de ciclistas — rapazes, homens, meninas e seohoras — dispuseram as máquinas ao longo da meta e facilitaram o policiamento respectivo. Alguns deles torceram o juzi da prova. Ficou tudo em familia...

O cortejo defilou pelas ruas à hora do calor — mas sempre com entusiasmo e boa ordem. Nêto tomou parte tudo quanto se deslucou com o Benfica. Mas uma das representações mais numerosas coube ao Sporting Club de Alenquer, que mostrou, assim, ser boa adversário — com espírito desportivo. E soub' mostrar que, acima de tudo, paira o nome da terra.

A primeira paragem do cortejo fez-se, com os atletas em continência, em frente da sede do Sporting. Esta constitui exemplo admirável de dedicação pelo imponente grupo; é um edificio próprio, construído pelo clube, para sua instalação. E tem localização expêndida, entre uma estrada e o rio de Alenquer, num recanto, sem vizinhos.

Este clube, com o nome firmado fora do concelho em mais de um desporto, merecia referência mais larga. Mas tem de ficar para outra oportunidade.

Por parte da Câmara Municipal de Alenquer recebeu-se bem a representação do Benfica. Tão bem que o discurso de boas vindas foi pronunciado — por um campeão... Não é antigo campeão, porque se trata de pes-o ainda nova — o sr. Fernando Campião, v. ce-presidente da edilidade. Não se podia desjar mais, desportivamente falando...

Ao discurso do sr. Fernando Campião, na Câmara Municipal, respondeu o dr. Augusto Fonseca, presidente do Benfica, com uma dissertação sobre a história de Alenquer e da sua fundação. Ficou tudo bem. O sr. Campião falou — de desporto. E o dr. Fonseca contou uma história...

A sessão na Câmara Municipal compareceu um elemento que passou um tanto despercebido à melhor parte dos visitantes. Era o dr. José Luis Guerra, médico muito distinto em Alenquer. Trata-se de um antigo jogador de futebol do Benfica. Era tão bom, a médio lateral, que lembrava um «espido». Chuvaram-lhe, por isso, o Guerra. Pôlo o dr. Guerra foi saodado muito efusivamente por quatro antigos jogadores do Benfica, que são actualmente dirigentes do clube — dr. Augusto de Fonseca, major José Pimenta e capitães Ribeiro da Costa e Ribeiro dos Reis. E foi com muito prazer que todos saudaram, no antigo companheiro, os velhos jogadores do clube!

Entre os ciclo-turistas apareceu, modestamente, camisola rubra por debaixo de uma escurmucina clara, Jesus Crespo, antigo jogador de futebol, dos melhores que passaram pelo Benfica. Nem mesmo assim foi esquecido. Ao almoço, mereceu, até, uma citação especial.

O major José Pimenta, director do Benfica, é, actualmente, o 2º comandante da Base Aérea de Ota. O primeiro jogo de «basket» fez-se entre o Sport Lisboa e Alenquer e um «team» daquela base. Viu-se por isso atrapalhado para conciliar as suas simpatias — pelos dois grupos...

O dr. Trófilo Carvalho Santos, presidente da assembleia geral do Sport Lisboa e Alenquer, foi condiscípulo de Ribeiro da Costa e do dr. Augusto de Fonseca, em Coimbra. Não pôde ir à Câmara e mandou-lhes pedir que passassem pelo escritório. O recado foi-lhes, porém, transmitido quando, tendo saído da Câmara, vinham com vários amigos.

Ao dr. Trófilo Carvalho Santos apareceu-lhe, por isso, um grupo numeroso. Mas o distinto advogado não hesitou... O seu escritório encheu-se por exemplo. É a recepção foi magnífica — em quantidade e qualidade... A secretaria do seu escritório parecia a mesa — de um «obr» Não falava nada — e o dr. Carvalho dos Santos foi amabilíssimo para todos.

Mário de Oliveira

As próximas competições

A PÓS a corrida de «uma hora á americana», disputada na pista do Lima, estão marcadas ou projecta-se a organização das seguintes provas: dia 20, corrida de «seis horas á americana»; 2 de Setembro, «Circuito de Espinhos»; dia 3, «Circuito da Bairrada»; dia 10, festival na pista do Estádio. E embora sem data marcada, também se fala na possível disputa do «Giro do Milho», do «Circuito de Miramar» e do «Circuito de Gondomar», competições a promover sob a fiscalização da Associação do Pórtio.

Cunjo interessante de provas, de certo valor atlético e desportivo, constituirá excelente final da época e — a materializar-se — demonstrará que o Norte superou este ano o Sul, no que diz respeito a movimentação.

Há, porém, uma corrida — a das «seis horas á americana» — que consideramos inoportuna e levanamente posta de pé. Sabemos que a organização propriamente dita pertence à corporação da Polícia Civil do Pórtio, que pretende, com ela, auferir receitas para a sua altruista obra de beneficência. Cremos, no entanto, que sob o aspecto técnico não foi aquela entidade que elaborou o programa do festival.

Uma corrida de «seis horas á americana», disputada numa altura em que não se correram mais do que provas de uma hora, depois de um período de escassas competições de estrada, com os corredores sem resistência e sem os hábitos necessários de provas de pista — é resolução pouco recomendável. Tal corrida, além de ser espectacular de veras monotonó e despido de interesse, sobretudo em pistas de grande perimetro e disputado por número relativo de equipas, é excessivamente fatigante — tanto ou mais que um «Pórtio-Lisboa»... E se atendermos ao calor da época e à temperatura sufocante que se nota normalmente no Lima, pode dizer-se que a partir da terceira hora as equipas deixarão de lutar, para se arrastarem!

Promovam-se corridas de duas ou três horas á americana, preencha-se o programa com outras competições — mas não se faça disputar tal prova. Convém lembrar que os corredores de bicicletas não são automatados aos quais se dê corda e que rolem na pista até aquela se acabar...

G. M.

NATAÇÃO

(Continuação da pág. 2)

Dois filhados da Estremadura, e um da Beira-Litoral, proporcionaram nos 100 metros livres a melhor prova de tarde. Jeronimas Simão, Estremadura, em franco progresso, nadando ainda um tempo em força, mas mais correcto em relação à última vez que o vimos correr, triunfou como só triunfa um campeão — em beleza. Atrás dele, Luís Lopes da Conceição, Beira Litoral, nadando à base de energia, não lhe ficou longe, com 1 m. 30 a. 3/10. Patrone, Estremadura, 1 m. 12 a., embora nitidamente batido, foi em estilo o mais regular e correcto.

E citemos, também, Fernando Graça, do Ribatejo, com um "tempo" que, guardadas as devidas proporções, se pode classificar de bom: 1 m. 17 s.

Na estafeta de estilo, o elenco da Estremadura triunfou sem preocupações. Artur Mendes Silva, logo no primeiro percurso, assegurou a vitória. Os heróicos rapazes da Beira Litoral, segundo classificados, não incomodaram os liboates. Os "tempos" assim o dizem: 2 m. 34 s., 210 e 2 m. 52 s. 610, respectivamente.

A estafeta 7 x 35 metros livres, bela e emocionante, encorreu o programa com chave de ouro. A turma da Beira Litoral arrancou um triunfo brilhantíssimo e o público viveu o momento "momento" da tarde. Para eles, para os da Lousã-Azenas — as honras da jornada.

Tempo: Beira-Litoral — 2 m. 24 s. 210; Estremadura — 2 m. 26 s. 410.

A classificação, em globo, ficou ordenada do modo seguinte: Estremadura, 14 pontos; Beira-Litoral, 25; Douro, 45; Ribatejo, 59; Minho, 57.

Surpremeia indiscutível dos liboates. Honroso segundo lugar dos combicenses — com um belo triunfo nos 7 x 35 metros-livres e uma esplêndida prova de Luís Lopes da Conceição — a confirmar o bom trabalho desenvolvido em Coimbra, de há anos a esta parte, e ao qual o dirigente Manuel Gaspar tem dado contributo valiosíssimo.

Os corredores das outras Alas bastante longe do valor dos seus primeiros e, de modo geral, muito fracos tecnicamente.

A. T.

DESPORTOS DO «STICK»

Apontamentos e comentários

DA aplicação de várias penalidades pela Associação de Patinagem do Sul, determinaram-se modificações no mapa de classificação dos concorrentes ao campeonato de Lisboa: à Académica e ao Campo de Ourique, porque alinharam, em 1.^o, contra o Paço de Arcos, com jogadores que tinham disputado as partidas anteriores, e ao Tabacos, desistente voluntário do torneio, foram marcadas «faltas de comparência»; por conseguinte, a classificação, rectificada oficialmente, ficou ordenada do modo que segue:

| | J. | V. | E. | D. | Boias | P. |
|-----------------|----|----|----|----|----------|----|
| Paço de Arcos | 11 | 10 | 1 | — | 81-17 | 32 |
| Benfca | 12 | 8 | 1 | 3 | 47-25 | 29 |
| Hockey Sintra | 11 | 7 | 2 | 2 | 90-28 | 27 |
| Futebol Benfica | 11 | 6 | 1 | 4 | 53-41 | 24 |
| Académica (1) | 12 | 6 | 1 | 5 | 40-39 | 24 |
| Ateneu | 12 | 4 | 1 | 7 | 42-55 | 21 |
| C. Ourique (1) | 11 | 2 | 1 | 8 | 21-51 | 15 |
| Tabacos (2) | 14 | — | — | — | 15-9-127 | 10 |

(1) Têm uma falta e 0-5.

(2) Anotam-se-lhe quatro faltas e 0-20.

Nas categorias inferiores também houve modificações — mas não tão pronunciadas como em «teams» principais.

"MOCIDADE PORTUGUESA"

(Continuação da pág. 5)

desportivos e dos exercícos elementares do atletismo.

Todas estas actividades foram superiormente fiscalizadas pelo cap. Celestino Marques Pereira, que dirige a educação física e o desporto na «Mocidade Portuguesa», e a sua direcção geral dentro do acampamento esteve confiada, para a gymnasia, ao tenente Alberto Marques Pereira, e para os desportos ao dr. Salazar Carreira, cujos directos auxiliares foram os instrutores que acompanhavam as diversas delegações e os graduados que estavam frequentando a escola de comandantes de bandeira, para os quais o trabalho no acampamento serviu de prova prática do seu desembaraço e conhecimento.

A actividade gymnástica coustou de execução, diária, como dissemos, de uma lição cujo esquema fôra especialmente elaborado e que no sábado pela manhã — o dia das provas finais — foi apresentado, ante um júri de professores, por classes de todas as províncias, comandados pelos alunos estagiários da escola de Comandantes de Bandeira. Estas provas decorreram com muito interesse e satisfizeram em absoluto, tanto pela perfeita intuição dos executantes como pelo bom sentido de comando dos auxiliares instrutores.

A prova gymnástica, com carácter de competição, para disputa do «Troféu Acampamento Nacional», obedeceu a um regulamento original e que correspondeu muito bem aos objectivos visados: cada delegação provincial seleccionou dois filhados que executaram, a título individual, um exercíco dos membros inferiores e outro de destreza, obrigatório; um exercíco gymnástico de forma determinada e um salto, à escolha de cada concorrente.

Os rapazes apresentaram-se todos de maneira elogiosa e o valor aproximado das exhibições colocaram os juizes em embaraço para proclamar a classificação, que se decidiu, por pequena diferença de pontos, a favor da equipa do Douro Litoral, precedendo Ribatejo e Beira Litoral, em igualdade.

A competição de atletismo, à qual houve o sensato cuidado de imprimir cunho recreativo, sem rigores de carácter técnico, que nem as condições nem as circunstâncias aconselhavam, coustou de provas de velocidade em 80 m., lançamento de peso e corrida de 120 m. com obstáculos naturais. A prova de luta de tracção à corda, prevista no programa, foi abolida, em consequência da falta de tempo, pela demora das precedentes, a cada uma das quais concorreram 55 filhados, cinco por província.

A corrida de obstáculos foi a que mais entusiasmos os milhares de rapazes reunidos em volta

A prova da I Divisão, a avallar pelo que succedeu na primeira volta (vitórias do Lisgás em Oeiras e em Cascais), deve estar ganha pelo clube de Lisboa, agora visitado. Mas em 2.^o o Sporting de Oeiras é já o campeão. Quere dizer: um torneio pequeno, simples, que se «resolve» logo nas primeiras jornadas... A menos, claro, que Oeiras e Cascais venham ganhar em Lisboa — e isso seria, sem dúvida, a surpresa maior da competição!

— Para o Ateneu Comercial — com mérito absoluto — o título de 3.^o categoria. Um bravo aos briosos rapazes que o conquistaram (é o primeiro campeonato ganho por «acclistas») e parabéns ao treinador, o antigo campeão José Prazeres.

— Em segundas, o caso está difícil.

Com effeito, o Futebol Benfica, favorito, pode não vir a ser campeão. É que enquanto a Académica recebe a visita dos dois «teams» que lhe cabe ainda deffrontar, os benfiquistas têm de ir jogar fora duas vezes, com adversários que os p-dem embaraçar. E há que contar, também, com os resultados a fazer pelo Benfica e pelo Paço de Arcos, um campeão que pode não estar ainda destronado.

— Quanto ao título principal — referência ao torneio de «hockey» em patins em curso — nada há a acrescentar já: o Paço de Arcos H. C. continua campeão, muitíssimo bem, porque tem sido, realmente, o melhor grupo — e com merecimento próprio, que ninguém pode negar-lhe. Mas há uma «situação» a esclarecer... O segundo lugar, que apura para o campeonato nacional, ainda nem se sabe a quem pertencerá.

Os sintenses, têm, talvez, mais probabilidades; mas ao Benfica não devem ter desaparelado as «esperanças de todo... Ora é precisamente neste «rush» entre os dois clubes que vai travar-se a luta mais interessante, que começou ante-ontem, em Benfica, continua hoje, na Amadora, e sómente deve decidir-se no dia 25.

Os campeonatos do Sul de corridas devem disputar-se em Bemfica, entre 1 e 10 de Setembro, e os nacionais estão marcados entre 10 e 30 do mesmo mês.

O campeonato nacional de «hockey» — competição sempre animada — disputar-se-á entre 1 a 30 de Setembro. Em «interesse»: concluída a prova regional, entrar-se-á imediatamente em novas actividades. Ainda bem.

J. M.

do percurso; disputada individualmente, contra relógio, manteve até final a emoção pela incerteza do resultado, tanto mais que os vencedores vieram a aparecer entre os últimos.

O primeiro classificado foi Faria Leite, do Minho, que gastou 30 s. no percurso, seguido por Frederico Cravo, da Beira Litoral, em 30,2 s.. Estes dois concorrentes destacaram-se nitidamente dos restantes, pois o imediato, Levy Caulvier, do Ribatejo, ficou em 32,4 s..

O lançamento do peso de 5 kg. foi ganho por Pinto Rodrigues, do Alto Alentejo, um lançador consagrado em torneios da «M. P.», seguido de Gonçalves Fernandes (Beira Alta) e Alberto Ribeiro (Estremadura).

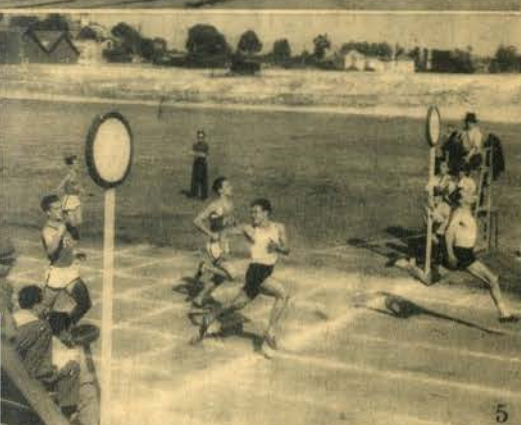
Finalmente, correram-se sete eliminatórias dos 80 metros, no campo de futebol, que é um autêntico areal, e que transformou a prova de velocidade pura em prova de poder dos participantes.

O resultado da final foi o seguinte: 1.^o Aníbal Costa (Beira Litoral); 2.^o António Beato; 3.^o Carlos Fonseca, ambos do Douro Litoral.

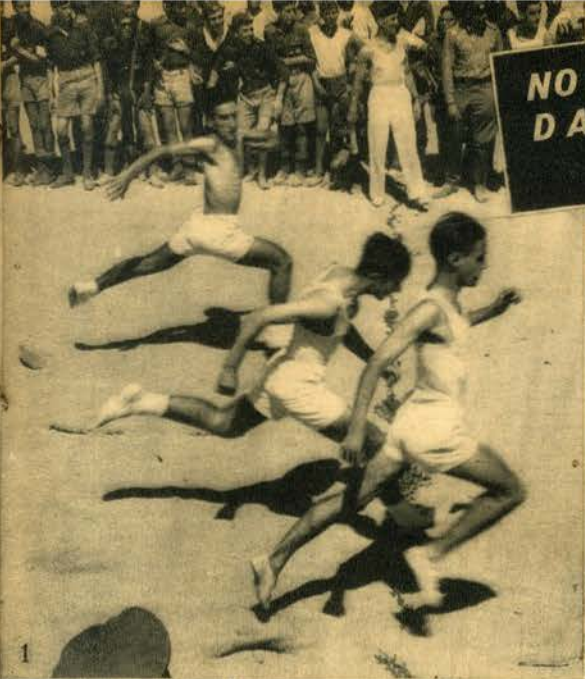
O «Troféu Doutor Marcelo Caetano», que era o ambicionado prémio do torneio, foi conquistado pela Beira Litoral, com 5 p., seguindo-se Alto Alentejo, Minho e Douro Litoral, todas com 3 pontos.

O PORTO DESPORTIVO

VELA: 1 — Os novos "vougas" da flotilha do Sport Clube do Porto, inaugurados no domingo. **REMO:** — As regatas promovidas pelo Fluvial Portuense: 2 — Os seniores do "Galus de Aveira", vencedores da taça "Labor et Libertas"; 3 — Os juniores do mesmo clube que conquistaram a taça "Governador Civil"; 4 — A equipa de 8, vencedora da taça "Exposição Colonial". **ATLETISMO:** — Campeonatos regionais de seniores: 5 — Sampaio Peixoto ganha os 100 metros, seguido de Tamegão, ambos do Académico; 6 — Albino Silva, do Salgueiros, campeão dos 5.000 metros; 7 — Fase da prova de 110 metros barreiras. **COMEMORAÇÕES:** — Aspectos dos jantares de confraternização efectuados entre dirigentes da Associação de Futebol do Porto (8) e sócios do Futebol Clube do Porto (9) (Fotos Hermann)



**NO ACAMPAMENTO
DA «MOCIDADE»
ACTIVIDADES DESPORTIVAS**



**As nossas
reportagens**

Como anunciamos, publicamos hoje a reportagem referente ao **VITÓRIA FUTEBOL CLUBE (Setúbal)** bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

Na próximo número:
SPORTING CLUBE OLHANENSE

Em baixo: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e coleccionar, pois dá-lhes direito à copa que oferecemos para encadernar fôdas as separatas destas reportagens



1— A chegada da prova de 80 metros; 2— Uma das classes provinciais de ginástica; 3— Descendo a barreira na corrida de obstáculos naturais

CHAVES de todos os modelos

Perdeu-as? Parlirem-se? Roubaram-lhas?— mande fazer outras na

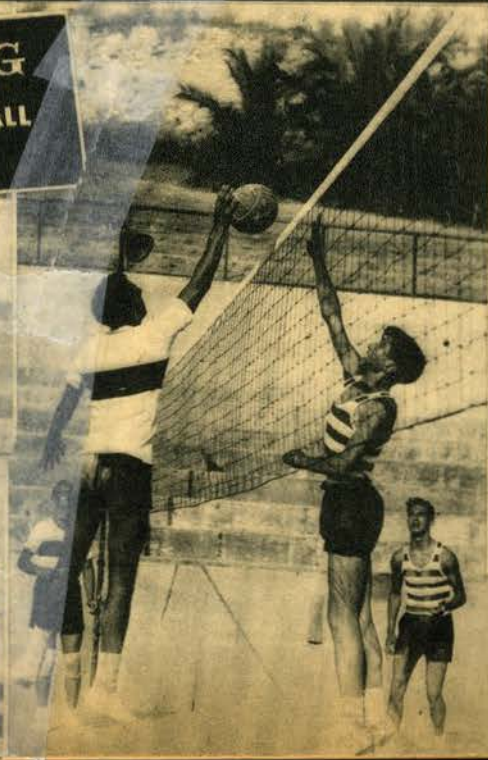
CASA DAS CHAVES
Amadeu Gomes da Fonseca

RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema) • Telef. 2805



O SPORTING

é campeão de Lisboa de **VOLLEYBALL** da categoria de juniores



1— A equipa do Monte Pedral; 2— Fase do jôgo entre o Sporting e o Oeiras, que decidiu o campeonato; 3— A equipa "leonina" que disputou a final com Oeiras e saiu vencedora do torneio.

(Fotos Maniquê)

ATLETISMO

Os «estreates» comportaram-se com brilhantismo e garantiram ao atletismo nortenho um futuro próspero

comentários de EDUARDO SOARES

COM a realização do campeonato de «estreates» pode dizer-se que terminou a fase mais importante da actividade do nosso atletismo, nesta época, pois atendendo aos períodos «ombros» em que a modalidade viveu nos quais, conseqüentemente, deixou de ser «sagrada» pelo aparecimento de novos praticantes (um ou outro não especial não conta como valor genérico) as provas oficiais que falta disputar — de «seniores» — não podem, por isso mesmo oferecer interesse especial.

Ao atletismo português interessava, essencialmente, pelas razões apontadas, uma actividade profunda de jovens «estreates», «juniores», e «seniores», que no conjunto garantissem futuro brilhante e que não o deixassem, como até aqui tem acontecido, viver amparado por gloriosos «relíquias». Essa actividade, com a falta da qual se lutava há três épocas, verificou-se este ano — de maneira insólita — com brilhantismo. Por isso mesmo o atletismo nortenho pôde encarar o futuro com franco optimismo.

Não queremos dizer com isto que os campeonatos que se seguem não possuam interesse; mas afirmamos que esse interesse está limitado a avaliar a maneira como a maioria dos «seniores» se vai defender da «marcha do tempo» e como meta dos «juniores» se vai adaptar a categoria «maior». E, além disso, a actividade que este ano, infelizmente, nada trabalhou — a brilhante «elementar», a «revisão» de praticantes que já deram o seu máximo e podem ainda destacar-se, porque a indispensável renovação da população praticante quasi se não deu no nosso atletismo. E por isto que negamos aos campeonatos de «estreates» interesse especial, quanto à sua influência no progresso da modalidade e das suas torneios já disputados e sobre o futuro.

Os campeonatos de «estreates» corresponderam, em absoluto, ao que se previa através das anteriores competições e serviram para ficar certo de que o atletismo português tem o seu futuro assegurado. Talvez esta afirmação seja encerrada com reserva, por quem não assistiu aos torneios e julga pelos resultados e marcas conhecidas. Mas está indubitavelmente certo, quem assim se deixar influenciar. Se as «marcas» e os «resultados» não foram, na realidade, de excelente categoria, não se pode esquecer, por outro lado, que os atletas mais em evidência eram autênticos «estreates», para o que em os «seniores» da técnica e tática não ainda completamente desconhecidas. Depois, a maioria dos «estreates» que se destacaram se accão pose em, de maneira exuberante, qualidades naturais que nenhum treinador do mundo pode «oferecer» ao praticante — e daqui se conclui que o treino e o tempo serão úteis os campeões que se ambiciona. Além disso, o número de rapazes com amplas condições para progresso palpável é bastante elevado — o que dá mais favorabilidade à nossa confiança no futuro.

E é de lamentar, sim, que a quasi totalidade desses «estreates» resultou do esforço de um só clube, aliás o único que na verdade tem trabalhado dentro do seu critério e da melhor orientação, o F. Clube do Porto, isto é agradável em relação à colectividade — mas é péssimo para o atletismo em geral o pôr em evidência o desinteresse, condonável por todos os motivos, de agremiações como o Académico, sobre o qual pesam responsabilidades a que não pode furtar-se.

E' preciso, pois, que o magnífico exemplo do F. C. do Porto fructifiquem — e estamos certos de que assim sucederá. Resumindo: o atletismo português tem o seu futuro assegurado, a para ele contribuiu, em especial, o interesse dos dirigentes do F. C. do Porto e a acção orientadora de Arnaldo Borges. Nunca será demais repeti-lo!

Os «estreates» que melhor impressão nos deixaram e nos quais o nosso atletismo pode confiar, constituem — já o dissemos — número apreciable e poucas vezes realçado na história da modalidade: Eloy Costa Pereira, Nuno Vieira, Fernando Romero, Manuel S. Leite, Jorge Fernandes, Abel Gonçalves, Armando Albuquerque, Armando Leitão, José Aguiar, Orlando Pereira, António Fernandes, Álvaro Mendes, Augusto Fernandes, Augusto Lopes, José Ferreira, Alfredo Serrano, todos do F. C. do Porto; Manuel Bizarro, Francisco Carvalho e Orlando Cruz, do Académico do Porto; Porfírio Santos, do Salgueiros; Manoel Cerqueira, do Amaranth; e Leovigildo Palma e Mário Azevedo, do Académico da Braga. São 23 jovens atletas que assim de mais de meia centena de inscritos no respectivo campeonato. E nota-se nos aqui apontados que o maior e as melhores «fórmulas» foram postas em evidência, até mesmo aos olhos do profano; mas entre aqueles que não conseguiram classificar-se, o crítico pôde verificar a existência de um segundo lote de promessas.

Pergunta-se: quanta vezes terá sido o atletismo português tão «envidourado» conjunto de «estreates»?

Não há dúvida que a modalidade está em pleno período de renascimento, o qual, para ser ainda mais completo, tem a empregar a dedicação e a esforçada actividade dos novos dirigentes da A. D. A. E seja licito pôr em plano de relevo o trabalho brilhante de Teodomiro Argenteo Jávior, de Fonseca Bastos e de Eduardo Silva, e ainda a preciosa colaboração do incansável e competente técnico Roberto Machado. Muito têm feito estes dirigentes para que as reuniões atléticas nortenhas decorram no melhor ambiente de disciplina e desportivismo, atributos esquecidos em épocas passadas e que levaram a modalidade quasi à ruína. Agora, na verdade, pode afirmar-se aos campeonatos de atletismo.

Reservámos a parte final destes comentários para fazer referências aos «estreates» que melhor nos foi possível apreciar e que mais em evidência estiveram. São eles: Eloy Costa Pereira, Manuel Leite, Armando Albuquerque, Armando Leitão, Orlando Cruz e Manuel Bizarro.

Lamentamos que os dois portistas da capital não tivessem tido a oportunidade de ver em acção, nos nacionais de «seniores», o «estreates» que, nesta época, melhores qualidades revelou: Eloy Costa Pereira. Estamos certos de que a sua actuação irá confirmar o que dele temos dito. Trata-se de um rapaz excepcionalmente «talhado» para o atletismo e que, tanto nos saltos em altura como nas corridas de velocidade prolongada, pode conseguir resultados invulgares. Ainda no último domingo deixou de bater largamente o record regional dos 250 metros só porque fez toda a prova em passada larga e no mais completo «tempo» com a preocupação de «provar» um companheiro de equipa. Em corrida, notamos-lhe deficiente posição do tronco; nos saltos, a par de «chamada poleiros», apresenta mau trabalho sobre a barra, que a desaperceber o levará a boas «marcas».

Manuel Leite tem tódas as condições para ser um sprinter de mérito. E, veloz, mas a partir está ainda lento.

Armando Albuquerque foi a maior revelação do atletismo português de 1944, na especialidade dos «enganches». Com dois meses de prática, deu já provas cabais do que pode fazer — e que não fez ainda só porque a difícil técnica dos lançamentos não se aprende em 60 dias...

Armando Leitão será, dentro em breve, o nosso grande especialista de 300 metros — um especialista como há muito tempo o atletismo português não possuiu. Tem, portanto, estilo geral quádr perfeito, mas na sua passada pode tirar maior rendimento. Uma boa qualidade: corre com «técica» e sabe adaptá-la aos imponderáveis da prova.

Orlando Cruz, no disco, tem apreciável noção de técnica; mas ainda não se serve da convenientemente. Quando a «chicotada» final se tornar mais veloz, os resultados se melhorarão.

Bizarro continua a convencer-nos das suas qualidades para o salto em comprimento, embora a incerteza de «chamada» — resultante da falta de treino suficiente — não lhe permita ver o rendimento justo da sua rápida corrida preparatória. Também a posição dos braços, durante o salto, está a pedir atenção especial.

A PRIMEIRA JORNADA DOS REGIONAIS DE «SENIORES» NO PORTO

TRAVOU-SE luta desigual, por enquanto a equipa do Académico possuiu consagração «seniores», as restantes só puderam opor-lhe jovens «estreates» e «juniores». Como competição, portanto, esta primeira jornada nada teve de sensacional. E ainda porque os «seniores» se limitaram a vencer — como se esperava — sem se preocuparem em obter qualquer resultado técnico digno a referência de maior.

O atletismo português está, na verdade, «resuscitado de «sangue novo» — mas este, depois da «crise» porque a

F. C. do Porto e do atletismo português

TINHA terminado a última prova do campeonato de «estreates». A equipa do F. C. do Porto atirada frente à bancada do Lima recebia quentes e calorosos aplausos do público e preparava-se para receber mais um troféu — o quarto de uma época, que tem sido brilhantíssima e que começou com a merecida conquista da taça «Salazar Carrara», no «Stadium» do Estádio do Bessa e o orientador técnico da secção, olhava embecido os seus briosos «rapazes», pensando, talvez, no imenso trabalho que eles lhe haviam dado nos vários meses de treino... Mas o jornalista não o deixou pensar mais... e despetou-o com duas rápidas e breves perguntas.

— Está satisfeito com o trabalho da equipa?
— Absolutamente. E isto, não só pelos campeonatos que conquistou e que são, afinal, o prémio dos que trabalham, mas sobretudo porque os meus atletas se comportaram dentro das suas possibilidades, dando o rendimento previsto. Dêles não espere mais — nem menos... E esta precisamente isto que me interessava!

«Quando começei a preparar a equipa não o fiz dominado pela preocupação da vitória. Esta está sempre dependente de vários factores, desde o valor dos directores até ao justo ou injusto rendimento dos atletas que preparo. Mas tracei um plano do trabalho, que segui sempre com o maior cuidado, procurando aproveitar as qualidades naturais de cada um — e essa tarefa, que encontra-lhes, ainda, da sua conclusão, vai pelo melhor caminho e logo, fatalmente, dar boas resultados que a minha equipa tem conseguido esta época. Não se trata de se tratar o reflexo de factores de sorte! Estavam previstos e justificam-se pelo trabalho desenvolvido.

— Percebe-lhe que o atletismo português ressuscitou?
— Digo estou absolutamente convencido. Este ano começou-se tardiamente a actividade, mas ainda a tempo de proporcionar ambiente de insuflável brilhantismo. Confia absolutamente no futuro da modalidade, mas não esqueço que todo este espírito de confiança que me anima hoje, se deve em grande parte à campanha publicitária portuguesa que a «Stadium» desenvolveu nas suas colunas, e com uma organização primorosa que aparece no melhor momento. Não se esqueça, também, a preciosa acção do Sr. Salazar Carrara, seu director redactor, a quem se devem sem dúvida, alguns dos melhores resultados que o nosso atletismo recebeu esta época. Por tudo — entusiasmo dos praticantes, interesse dos clubes e carinho do público — a modalidade pode confiar no seu futuro!

Acabará a cerimónia da entrega da taça «Arnaldo de Sousa» ao F. C. do Porto. Os seus atletas desfilavam agora em direcção ao balneário. E a breve palestra terminava...

modalidade passou, só será uma realidade após duas épocas de trabalho intenso e persistente.

«Não se esqueça, porém, em referência ao entusiasmo e a força de vontade do glorioso Académico, que conseguiu reunir a sua volta todos os antigos «seniores», para que a sua equipa não se deixasse bater uma vez mais. E embora a sua superioridade não venha trazer resultados práticos para o futuro da modalidade, a verdade é que os atletas acadêmicos deram uma digna e eloquente prova de amor clubista e de dedicação pelo atletismo.

«Mas esta primeira jornada valeu, sobretudo — e é margem dos seus resultados técnicos — pela magnífica propaganda que exerceu junto da assistência, que enchia por completo a bancada do Lima.

E para melhorar, a organização das provas foi modelar, merecendo mais um triunfo para os dedicados dirigentes da A. D. A.

«No próximo número faremos os comentários que esta jornada mereça.

DE SEMANA A SEMANA

A homenagem aos juniores do Vasco da Gama

Está em franco progresso a festa de homenagem aos juniores do Vasco da Gama, que fecharam (brilantemente) a época final com a conquista do Campeonato Nacional de «shet-ball».

Essas festas, se outra razão não tiverem, representam, pelo menos, um estímulo para o futuro, pois servem de ranço um ano de jogos. São curiosas e dignas de serem realçadas, sob todos os aspectos.

«Qual o jogador mais popular?»

Esta taça vai ser posta em disputa em breve, por uma espécie de sufrágio entre os apaixonados do «shet-ball». Tem como complemento uma frase: «Pinta ou Lopes Martins?» Discórdias.

Lopes Martins é um jogador veterano, um enciclopédico em desporto, homem que fez tudo o seu «shet-ball» durante anos, a diversas modalidades. A sua popularidade é indiscutível. Pinta é um rapaz lido no Vasco da Gama, que subiu rapidamente até roçar a celebridade, merecendo da sua maneira própria de actuar, em especial no «basket». Tem entre os admiradores da bola ao cesto, em especial entre os rascacinos, popularidade extraordinária. E, sendo, segundo se lhe, o jogador mais completo no «basket» e regular em «shet-ball», a sua vida desportiva não pode ter, neste momento, a preferência de Lopes Martins.

Esta é a razão.
Se a taça serve para atractivo ou entrar de uma festa, aceitamo-lo; mas que se pretenda demorar assim o grau de técnica desportiva, conhecimentos físicos ou mesmo de actividade nas modalidades, não achamos certo.

Reina o paz no Lima...

Está, por assim dizer, solucionada a crise directiva que o Académico atravessou nos últimos dias. Ao sinal de alarme accorrem algumas das grandes instituições do clube.

que em ligação com outros elementos locais, sob a chefia de Dr. Paulo Sarmiento, se constituíram em comissão administrativa para dirigir os destinos da colectividade até às próximas eleições. Em 24 horas, o problema ficou resolvido. Accentua-se a maneira como agiram as diversas acções desportivas do Académico, entre elas, neste momento, a de atletismo, que durante anos sustentou e logo sacrificou a modalidade no Porto, passando por elle nomes que se recordam ainda com admiração.

Lição dura. E' preciso que dela se tenham recolhido ensinamentos. Há de vista a forma como o Académico «desceu» em diversos campeonatos regionais, ultimamente disputados.

Citam-se nomes para a Comissão Administrativa: Paulo Sarmiento, Jerónimo Parente, Armando Ribeiro, Correia de Brito, Alexandre Sousa, J. e outros.

O plano promete. Veremos o que dirá o futuro...

Em plena batalha...

«Anda já muita «noiteira» no ar com referência ao ablativo de transições de jogadores. Alguns são daquelas que o bom senso de muitos que se põham «de mollas». Entretanto, elas são!

No Leitões, disse-se, o golpe é profundo; nada menos de quatro elementos de categoria tiveram as suas. Se assim lida a «batalha» é considerável. No Lima, nada de novo por enquanto, parece que as «noites» — as «noites» de António Nogueira, não haverá deslocações. Quis? Para onde? Não se sabe! No entanto, a entrada dos novos dirigentes pôde dar um «golpe de misericórdia» no pensamento de alguns. Quanto ao Boavista e Salvaterra, julga-se que tudo lida na mesma. E no F. C. Porto? Quem pôde dizer alguma coisa? Está, segundo se diz, a receber refresco, mas não dá «sinal de saída». Contudo, o F. C. Porto mantém o concurso de J. e outros, que, segundo se li, vai para Lisboa, para um dos «grandes»...

Os vinte e cinco anos do CLUBE SPORTIVO DE PEDROUÇOS

COMPLETOU ante-ontem vinte e cinco anos o Clube Sportivo de Pedrouços.

Um quarto de século de existência é motivo de justificado orgulho para uma colectividade, mormente para um clube com as características do Pedrouços — que tem cumprido fielmente o programa que a si próprio impôs e cuja actividade pode sintetizar-se nesta frase simples: servir e honrar a causa da nação. Do facto, se neste momento festivo, em que o Sportivo de Pedrouços comemora as suas bodas de prata lançamos o olhar pela acção desenvolvida pelo Pedrouços de-de o ano da sua fundação, concluiremos, com esforço, que ele tem, realmente, servido e honrado a nação portuguesa.

Nadadores de primeiro plano têm corrido em representação do Clube Sportivo de Pedrouços: dr. Alberto Ferro Murtaelo, Luis Duarte Ross, os irmãos Conde Ribeiro e Aboim Inglês, Atílio Palma Rigo, Maria Helena Martins, Eduarda Pereira, e, acima de todos, Luis Alves Miguel, excelente entre os melhores do seu tempo e que desenvolveu há muitos anos acção no nível na preparação e ensino de desenas e dezenas de nadadores. Porque, acentua-se, se por um lado o Pedrouços tem tido poucos campeões, por outro tem sido — e nisso reside o seu principal galardão — verdadeira «labrega» de nadadores, saindo todos os anos das suas escolas multissimos individuos completamente familiarizados com os segredos da natção. É essa a sua principal obra, o seu principal mérito, o seu primeiro titulo de orgulho.

Embora fundamentalmente dedicado à natção, o Pedrouços alargou, mais tarde, a sua esfera de acção a outras modalidades, nomeadamente ao «ba-ketball», ao remo e à vela. Nestes últimos anos, especialmente a secção de vela tem-se desenvolvido ex-rordinar-amente em estreita e útil colaboração com a «Mocidade Portuguesa» e a «Brigada Naval». Digna de registo, também, a secção de marinharia.

Não queremos, igualmente, deixar de nos referir à piscina. Embora sem as dimensões regulamentares, mas cuja construção representou um grande esforço para as possibilidades da agremiação, tem sido da maior utilidade, não só para a realização de pequenos festivais como sobretudo para o ensino da natção, pois satisfaz em absoluto para este fim.

Resumindo: após um quarto de século de laboriosa existência, dedicadamente votado à defesa de uma causa nobre, o Clube Sportivo de Pe-

AOS apreciadores de estatísticas dedica-mos as nossas «Curiosidades» deste número da «Stádium», que focam duas modalidades: o atletismo e o ténis. Porque ambas estão em plena actividade, afigura-se-nos oportuno o assunto escolhido. E, em relação ao atletismo, há, sobretudo, o interesse de um confronto entre o valor dos portugueses e espanhóis, mencionando-se, também, os «recórdos» europeus, quasi todos em poder de atletas alemães e suecos.

Vamos, portanto, indicar os máximos portugueses, espanhóis e europeus (por esta ordem), esclarecendo que os primeiros são os que constam da última tabela publicada pela F. P. A.

100 metros: António S. Rodrigues e José Prata de Lima, 10 s. 6/10; Luis Sereix, 10 s. 9/10; Berger (holandês) 10 s. 4/10.

200 metros: Gentil dos Santos, 22 s.

2/10; Moncho Rodriguez, 22 s. 6/10; Kernig (alemão), 20 s. 9/10.

400 metros: Francisco Bastos, 51 s. 2/10; Moncho Rodriguez, 49 s. 2/10; Harbig (alemão), 46 s.

800 metros: Francisco Bastos, 1 m. 58 s. 6/10; Agustín Arxé, 1 m. 57 s. 9/10; Harbig (alemão), 1 m. 46 s. 6/10.

1.000 metros: Francisco Bastos, 2 m. 38 s.; Pedro Obon, 2 m. 34 s. 6/10; Anderson (sueco) 2 m. 25 s.

1.500 metros: Francisco Bastos, 4 m. 11 s.; Jaime Angel, 4 m. 3 s.; Gunder Haeg (sueco), 3 m. 43 s.

3.000 metros: Pires de Almeida, 8 m. 52 s. 5/10; Manuel Andréa, 8 m. 41 s. 3/10; Hellstroem (sueco), 8 m. 26 s. 2/10.

110 m. barreiras: A. Martins Vieira, 15 s. 7/10; Gomez Cruz 15 s. 7/10; Lidman (sueco), 14 s. 3/10.

400 m. barreiras: Alfredo da Silveira

drrouços tem, na sua história, tantos motivos de orgulho, que lhe devem servir de precioso incentivo para continuar servindo o seu ideal de sempre.

Stádium cumpre de bom grado o dever de deixar aqui bem expressas as felicitações a que o Pedrouços tem direito no ano das suas bodas de prata.

e Matos Fernandes, 58 s. 2/10; P. San Roman, 56 s. 8/10; Hoelling (alemão), 51 s. 4/10.

Altura: G. Espirito Santo, 1,88 m.; Pons, 1,86 m.; Kotkas (finlandês) 2,04 m.

Comprimento: G. Espirito Santo e E. Tamegão, 6,89 m.; Altafulla, 7,215 m.; Luz Long (alemão), 7,90 m.

Triplo salto: Jodo Vieira, 14,04 m.; Laomba, 14,07 m.; Bill Tulos (finlandês), 15,48 m.

Vara: Fernando Boaventura, 3,70 m.; Gul, 3,74 m.; Hoff (norueguês), 4,25 m.

Pêso: Emílio Kuitto, 13,40 m.; Errazquin, 13,90 m.; Wolke (alemão), 16,60 m.

Disco: Herculano Mendes, 43,70 m.; Duran, 43,33 m.; Duron, 43,33 m.; Consolmi (italiano), 53,34 m.

Dardo: António C. Júnior, 50,88 m.; Agostá, 54,45 m.; Nikanen (finlandês), 78,70 m.

Martelo: Herculano Mendes, 47,37 m.;

CURIOSIDADES

Os melhores resultados do atletismo português, espanhol e europeu e os campeões de ténis da Curia

García Doctor, 43, 28 m.; Blast (alemão), 59 m.

Decatlon: Matos Fernandes, 5,355 pontos; C. Mariño, 5,748, 78 p.; Zepernik (alemão), 6,174 p.

Anotase que os alemães Neckermann e Jonck obtiveram a mesma marca nos 100 metros e que o inglês Finlay também alcançou o mesmo «máximo» nos 110 metros barreiras.

Os campeonatos oficiais de ténis da Curia são, indubitavelmente, dos que têm mais tradições, mercê da organização cuidada e do acolhimento que Alexandre de Almeida e Gil de Almeida dispensam aos jogadores que ali acorrem, de ano para ano, em maior número.

«Stádium» arquiva hoje, nas suas colunas, os nomes dos campeões desses importante torneio, El-los:

Singulares homens: 1929, D. José de Verda; 1930, Mário Duarte; 1931, Mário Duarte; 1933, Domingos Azeis; 1934, José Roquete; 1935, José Roquete; 1936, Joaquim Miguel de Serra e Moura; 1937, dr. Ildio Amado; 1938, José Roquete; 1939, José Roquete; 1940, Eduardo Ricciardi; 1941, Gustavo Saiz; 1942, José Roquete; 1943, José Roquete; 1944, José Roquete.

Pares-homens: 1929, D. José de Verda e A. Pinto Coelho; 1933, Domingos Avilez e J. M. Serra e Moura; 1934, A. Pinto Coelho e E. Ricciardi; 1935, Ildio Amado e Diogo Salema; 1936, J. M. Serra e Moura e Mário Ferreira; 1937, António Casanovas e Manuel da Silva; 1938, V. Horta e Costa e A. Matos; 1939, José Roquete e Luis Meare; 1940, José Roquete e E. Ricciardi; 1941, J. M. Serra e Moura e António Botter; 1942, J. M. Serra e Moura e António Botter; 1943, José Roquete e M. Nicolau de Almeida; 1944, José Roquete e F. Matos.

Pares-mistos: 1939, Mary Mota e J. M. Serra e Moura; 1940, Viola B. Jan e António Botter; 1941, Mary Mota e António Botter; 1942, Mrs. e Mr. Collett; 1943, Mne. Durham e António Botter; 1944, Peggy Brix e A. Botter.

A prova de singulares-senhoras apenas se disputou uma vez, em 1941, tendo sido ganha por Mary Mota.

Pinto & Afonso, L. da

Com estabelecimento de pneus, câmaras, baterias, óleos, massas consistentes, valvulinas, esponjas e camurças, remendos a fogo, lâmpadas para automóveis, ferramentas, etc.



Acceptamos baterias para reconstruir e pneus para recauchutar — Compre-se tôda e qualquer medida de pneus de sucata e

“LONAS”

RUA DO SACO, 38 E 40 [ao Campo de Santana] LISBOA

TELEFONE 41579

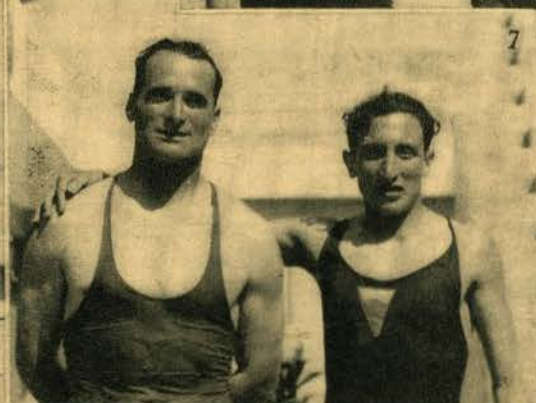
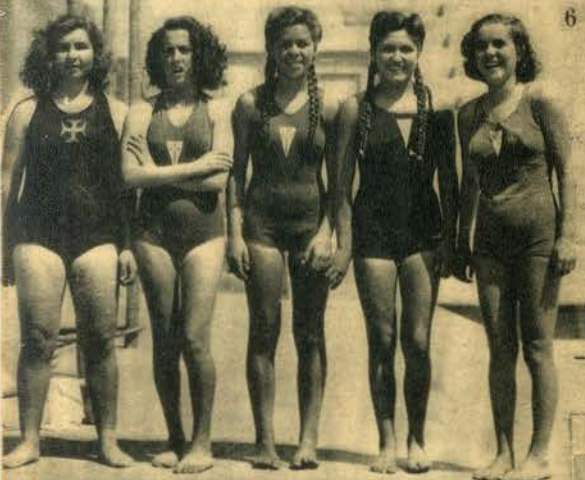
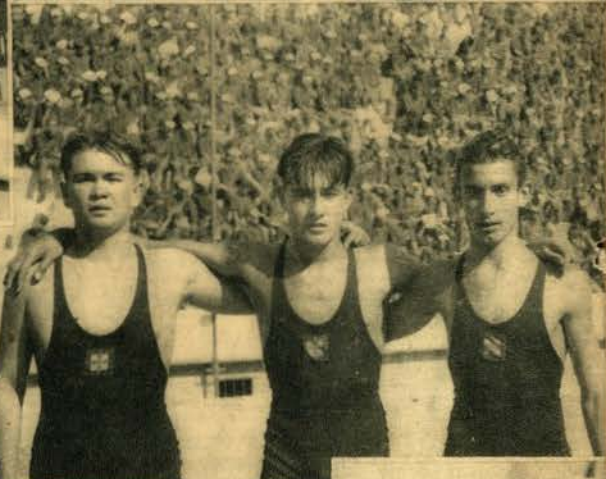
BICICLETAS

“FLECHA”

VISITEM A EXPOSIÇÃO NO L. DO INTENDENTE 11 A 15



Provas de natação «Mocidade»
 Os Campesinos do «Mocidade»
 e os Regionais de Lisboa



NAS PROVAS DA «MOCIDADE»: 1 — Jeremias Simão, jovem nadador que revela excelentes qualidades; 2 — Armando Rodrigues, vencedor da prova de saltos; 3 — A equipa da Belra Litoral que conquistou a estafeta de 7x33 metros; 4 — O Chefe do Estado distribuindo as medalhas aos vencedores, acompanhado do sr. dr. Marcelo Caetano; 5 — A equipa da Estremadura vencedora dos 3x86 (Fotos C. Madureira). AS PROVAS REGIONAIS: 6 — As senhoras concorrentes à primeira jornada dos regionais; 7 — Silva Marques e Mendes da Silva, após o seu duelo nos 200 metros bruços; 8 — A equipa do Algés e Dafundo vencedora dos 1/4x100 livres Inicelados; 9 — Hety Haymann, do Estoril Praia, que voltou a distinguir-se no domingo.